



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Análise Comportamental de Contos de Fada: Uma Questão de Gênero

VIVIANE PASSINATO

BRASÍLIA – DF
JULHO/2009

VIVIANE PASSINATO

**Análise Comportamental de Contos de Fada:
Uma Questão de Gênero**

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como
requisito básico para a obtenção do
grau de Psicólogo da Faculdade de
Ciências da Educação e Saúde
(FACES).

Professor-Orientador: Dr. Carlos
Augusto de Medeiros.

BRASÍLIA, JULHO/2009



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros

Prof. Msc. Geison Isidro Marinho

Prof. Msc. Rodrigo Gomide Baquero

A menção final obtida foi:

BRASÍLIA, JULHO/2009

Dedicatória

Dedico esta monografia aos meus pais, pelo incentivo e carinho e aos meus irmãos, pelas palavras de coragem e apoio durante toda esta caminhada.

Agradecimentos

À Deus, fonte de tudo.

Aos meus pais, Luiza e Celito, pelo exemplo de luta e de vida, aos quais devo meus princípios e valores, minha formação acadêmica, que me fizeram o que hoje sou. Obrigada por tudo!

Aos meus irmãos, Vinícius, Volnei e Luiz Fernando, pelo apoio, carinho, atenção e incentivo sempre que eu quis desistir de algo, me dando forças para lutar por tudo que quero.

Aos meus lindos sobrinhos, Isabela e Pedro Luiz, pelos momentos de descontração, carinho e alegria, desde que, literalmente, nasceram em minha vida.

À minha madrinha Rosani, por todas as vezes em que acolheu meu sofrimento e participou de minhas alegrias.

Ao meu padrinho Toni, pelo amor, carinho e incentivo sempre.

Aos meus queridos primos, por me fazerem rir em momentos difíceis.

À Déborah, pela grande amizade de muitos e muitos anos, tantos que já perdemos a conta.

À Ludy, pelas gargalhadas e trapalhadas, pelo ombro amigo, palavras doces, pela companhia desde o primeiro dia de aula dela, pelas inúmeras caronas, pela paciência infinita e incentivo sempre. Você vai para o céu amiga!

À Jojo, por todas as gargalhadas, por me ouvir e aconselhar, por nunca me deixar esquecer que sou capaz, pelo grande apoio e por sua amizade.

À Carlinha, minha pequenininha, pela amizade, paciência e doçura, por estar sempre perto e disposta a ajudar, por sempre me incentivar.

À todos os amigos que cultivei nesta jornada, e que levarei no coração por toda a vida.

Ao meu querido orientador Guto, pela atenção, carinho e paciência. Pelas palavras de motivação e grandes ensinamentos durante a realização deste trabalho. Muito obrigada!

Aos professores desta instituição pelo grande aprendizado.

Epígrafe

*“Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito?”*

Cecília Meireles

Sumário

Resumo	08
Introdução	09
Capítulo 1. Modelação.....	11
1.1. Definição	11
1.2. Variáveis que Interferem na Aprendizagem Observacional.....	13
1.3. A Aprendizagem por Observação da Mídia	14
Capítulo 2. Comportamento Governado por Regras	16
2.1. Definição	16
2.2. Variáveis que Interferem no Seguimento de Regras	19
2.3. Regras e Cultura	22
Capítulo 3. Relacionamento Amoroso.....	24
3.1. Emoções	24
3.2. Relacionamento Amoroso e Questões de Gênero: Um Fenômeno Cultural	27
Capítulo 4. Contos de Fada.....	32
4.1. Breve Histórico.....	32
4.2. Resumo dos Principais Clássicos	33
4.2.1. A Bela Adormecida	33
4.2.2. A Bela e a Fera ou A Dama e o Leão	34
4.2.3. A Branca de Neve	35
4.2.4. Cinderela.....	37
4.2.5. Rapunzel	39
4.3. Resumo dos Contos de Fada Atuais	40
4.3.1. Encantada.....	40

4.3.2. Para Sempre Cinderela	41
4.3.3. Shrek	44
Capítulo 5. A Influência dos Contos de Fada nos Relacionamentos Amorosos	46
5.1. O Papel da Beleza na Mulher e no Homem.....	46
5.2. A Mulher Como um Ser Passivo e o Homem Como um Ser Ativo	49
5.3. Tarefas Atribuídas às Mulheres e aos Homens	51
5.4. O Casamento Como um Fim	53
Conclusão	56
Referências Bibliográficas.....	59

Resumo

Grande é o número de pessoas que procura ajuda psicológica devido a frustrações sofridas em seus relacionamentos amorosos. Isso se deve, em parte, à idealização que o indivíduo faz de seu parceiro, o que, muitas vezes, não corresponde com os seus comportamentos. Desta forma, o indivíduo se frustra, e acaba por sofrer, sem compreender o que há de errado em suas relações. Os contos de fada, que estão presentes na infância de grande parte das pessoas, apresentam modelos de comportamentos associados ao relacionamento amoroso que podem contribuir para que ocorra essa idealização do parceiro amoroso e das relações amorosas, podendo gerar frustração e, conseqüentemente, sofrimento. Este estudo tem como objetivo analisar como alguns padrões comportamentais, ensinados às crianças pelos contos de fada, podem interferir nos relacionamentos amorosos destas na vida adulta. Para tanto, é necessário entender como ocorre a aprendizagem destes comportamentos, o que foi feito utilizando-se os conceitos de modelação e comportamento governado por regras. Além disso, foi discutido o conceito de emoção e questões relacionadas ao gênero no relacionamento amoroso. Para a análise dos contos, foram utilizados contos tradicionais como, A Branca de Neve e Cinderela, e contos atuais, como Shrek, entre outros, sendo que essas histórias se situam entre as mais conhecidas e divulgadas pela mídia em geral, o que faz com que exerçam uma influência maior no comportamento dos indivíduos. Em seguida, se discutiu alguns padrões comportamentais encontrados nos contos, como as questões de gênero dentro do relacionamento amoroso, e a procura pelo casamento como único meio de alcançar a felicidade. Ao analisar os comportamentos ensinados pelos contos e relacioná-los com os conceitos da Análise do Comportamento citados anteriormente, pode-se compreender melhor as implicações destes ensinamentos nas relações amorosas de um indivíduo. Essa compreensão é necessária para que o psicoterapeuta possa auxiliar o indivíduo que estiver em sofrimento associado ao insucesso em suas relações. Além disso, este trabalho busca contribuir para o diálogo entre pais e filhos sobre aspectos dos contos que não condizem com as contingências em vigor e, possivelmente, evitar que estes fiquem sob o controle dos modelos e regras ditados pelos contos.

Palavras-chave: Análise do Comportamento, Contos de Fada, Questões de Gênero e Relações Amorosas.

Os contos de fada fazem, ou fizeram parte da infância da maioria das pessoas. Princesas, príncipes encantados, castelos, estão na imaginação de grande parte das crianças e adultos. Estas crescem sonhando que um dia encontrarão seu príncipe em um cavalo branco, ou sua princesa presa na torre de um castelo esperando para ser salva. Os contos de fada mexem com a imaginação das crianças, incorporando à vida real, um mundo de fantasias que é desfeito no decorrer do crescimento e no seu amadurecimento. Apesar de grande parte das fantasias serem desfeitas com a chegada da adolescência e vida adulta, alguns resquícios destes contos continuam a influenciar a vida dos indivíduos, principalmente quando correlacionados com outros modelos de relações amorosas.

Por exemplo, a busca pela pessoa perfeita, pelo ideal do amor, é resultado de, entre outros fatores, contos de fada ensinados às crianças. Porém, em alguns casos, essa busca causa sofrimento, pois nem sempre o indivíduo acha o ideal que procura, e se frustra constantemente com seus relacionamentos. O sofrimento decorrente destas frustrações faz com que este indivíduo procure ajuda psicológica para entender o que há de errado em suas relações.

Tal estudo se faz necessário, uma vez que poucas pesquisas em Análise do Comportamento foram feitas a respeito deste assunto, deixando essas pessoas que sofrem com seus padrões de relacionamento, desamparadas. Para que o psicoterapeuta possa auxiliá-las, ele necessita de uma compreensão melhor de como certos padrões comportamentais, aprendidos, dentre outras mídias, com os contos de fada, interferem nos relacionamentos afetivos. Além disso, os pais podem tentar discutir com seus filhos as implicações das idéias contidas nos contos.

O presente estudo buscou fazer uma análise de contos de fada clássicos e atuais embasando-se na Análise do Comportamento. Teve por objetivo identificar os padrões

comportamentais de relacionamento que são ensinados pelos contos de fada contados às crianças, e que influenciam as relações amorosas na vida adulta.

O trabalho iniciou-se com os tópicos da Análise do Comportamento escolhidos para serem relacionados com os contos, sendo estes, modelação e comportamento governado por regras, seguido de um capítulo sobre relacionamento amoroso. Em seguida, foi apresentado um breve histórico sobre a origem dos contos de fada e o resumo das histórias utilizadas para a análise. O capítulo seguinte trouxe a discussão dos padrões de relacionamento encontrados nos contos clássicos e atuais. Por fim, foi feita uma conclusão com as considerações finais do trabalho.

Capítulo 1. Modelação

1.1. Definição

A observação do comportamento de outra pessoa pode mudar o comportamento futuro do observador. Essa mudança é conhecida como modelação, ou aprendizagem vicariante, e ocorre por observação de modelos (Baldwin & Baldwin, 1986). Mikulas (1977, citado em Derdyk & Groberman, 2004) afirma que o uso do termo modelação, ou aprendizagem vicariante, pode variar de acordo com o autor que o utiliza, aparecendo também como aprendizagem por observação, imitação, aprendizagem social e identificação.

Skinner (1953/2003) afirma que a modelação se desenvolve na história do indivíduo como resultado de reforçamento diferencial. Para o autor, o comportamento do modelo funciona como um estímulo discriminativo diante do qual o comportamento do observador tem maior probabilidade de ser reforçado. Por exemplo, a estimulação visual de alguém agitando a mão é uma ocasião na qual agitar a mão é um comportamento que, provavelmente, receberá reforço.

Segundo Baldwin e Baldwin (1986), o comportamento de uma pessoa é influenciado pela observação do comportamento de outras, sendo chamada de modelo a que emite o comportamento observado. O comportamento do modelo exerce função de estímulo discriminativo que altera a probabilidade do comportamento do observador ao se deparar com a contingência observada.

Baldwin e Baldwin (1986) afirmam que a mudança no comportamento do observador pode ocorrer imediatamente após ver o comportamento do modelo, após algum tempo, ou nunca¹. Conforme os autores, dentre os motivos que levam os observadores a imitarem o comportamento exibido pelo modelo estão: similaridades entre observador e modelo, se o

¹ Neste caso, em termos analítico-comportamentais, não se pode falar em aprendizagem, já que não houve mudança no comportamento do organismo.

comportamento emitido pelo modelo recebe reforçamento, se este emite expressões corporais correlacionadas ao reforçamento ou se o ambiente onde está reforça o comportamento de imitar a atuação do modelo. Quando o observador vê o comportamento do modelo ser punido, ou quando só há reforçamento para comportamentos contrários aos do modelo, pode ocorrer a imitação inversa (Baldwin & Baldwin, 1986). Por exemplo, quando uma pessoa vê outra rebaixar o carro (i.e., diminuir a distância entre o assoalho do carro e o chão) e ser multada pela polícia, terá uma probabilidade baixa de rebaixar o próprio carro.

A aprendizagem vicariante envolve a aprendizagem de um novo comportamento. O observador pode aprender a imitar o comportamento de um modelo meramente olhando este emitir um comportamento que ele nunca viu antes (Baldwin & Baldwin, 1986). Portanto, muito se pode aprender sobre novas atividades como, por exemplo, cozinhar, apenas pela observação de outros se comportando.

Segundo Baldwin e Baldwin (1986), a aprendizagem vicariante normalmente não é uma imitação exata do comportamento observado, pois quando o observador reproduz o comportamento de um modelo, introduz características novas que refletem aspectos particulares de seu repertório comportamental. Skinner (1953/2003) também afirma que a duplicação do comportamento observado nem sempre é precisa, sendo influenciada pelo repertório comportamental que o indivíduo possui.

Baum (1994/1999) afirma que o sucesso social de um indivíduo depende deste aprender a selecionar os modelos a serem imitados, escolhendo aqueles que emitem comportamentos com maior probabilidade de reforçamento. Ainda, segundo o autor, o comportamento do observador não é uma cópia íntegra do comportamento modelo, mas sim apenas de alguns aspectos deste, sendo que, conforme o observador é exposto a novos modelos, o comportamento imitado é acrescido ou modificado por eles, mudando de aspecto.

1.2. Variáveis que Interferem na Aprendizagem Observacional

De acordo com Baldwin e Baldwin (1986), diversos são os fatores que interferem na aprendizagem de um novo comportamento pelo observador. Entre os principais estão: o comportamento do modelo produzir conseqüências reforçadoras, haver similaridades entre observador e modelo, atividades de ambos serem semelhantes, haver reforçadores contingentes à classe de respostas de seguir modelos, o comportamento do modelo ser facilmente visível e não estar além do repertório do observador.

Quando o comportamento do modelo tem valor utilitário, recebendo reforçadores ou evitando punições, é provável que este comportamento se torne um estímulo discriminativo para o comportamento futuro do observador. Porém, de acordo com Baldwin e Baldwin (1986), para ocorrer a modelação, é necessário que o comportamento do modelo seja visto pelo observador como funcional, ou seja, funcione como reforçador para este. Por exemplo, um colecionador de selos pode ter seu comportamento, de procurar por novos selos, reforçado sempre que os encontra, pois assim pode aumentar sua coleção; já observadores, cuja atividade de colecionar selos não seja vista como reforçadora, podem não perceber o quanto encontrar novos selos pode ser reforçador para o comportamento do colecionador e, provavelmente, não reproduzirão o comportamento do modelo.

As semelhanças entre o observador e o modelo e entre o comportamento de ambos aumentam a probabilidade do observador reproduzir o comportamento do modelo, segundo Baldwin e Baldwin (1986). Para os autores o fato de o comportamento ser facilmente visível e não estar além do repertório comportamental do observador também é de extrema importância para a aprendizagem do comportamento modelo, pois são fatores que facilitam a reprodução deste. Por exemplo, quando uma pessoa que faz aula de dança observa seu professor mostrando um novo passo que deve ser aprendido, terá maior facilidade de reproduzir o comportamento do professor do que outra que nunca fez aula de dança. Isso ocorre por que o

indivíduo que tem contato com a aula de dança, provavelmente, possui um repertório comportamental mais semelhante com o do modelo do que aquele que nunca fez aula.

Segundo Baum (1994/1999), o prestígio social e o *status* do modelo são fatores de grande influência na modelação de um comportamento. Para o autor, pessoas consideradas de sucesso e com uma vida de prestígio, constantemente, têm seus comportamentos imitados. Outro fator sugerido por este autor é a proximidade entre observador e modelo, como por exemplo, os pais, que são as primeiras pessoas com quem os filhos têm contato, sendo os primeiros modelos de comportamento a serem seguidos.

1.3. A Aprendizagem por Observação da Mídia

Bandura (1965, citado em Njaine & Minayo, 2004) demonstrou em estudos na década de 1960, que as crianças, em especial, imitam comportamentos que vêem na mídia e incorporam padrões por ela sugeridos. Segundo o autor, as crianças podem aprender comportamentos complexos observando um modelo, e esta aprendizagem tem alta resistência à extinção. Os meios de comunicação em massa, sendo os principais, televisão, filmes, jornais, revistas, rádio e atualmente internet, apresentam uma grande variedade de comportamentos modelos, sendo que alguns são desejáveis e outros não (Baldwin & Baldwin, 1986).

Segundo Baldwin e Baldwin (1986), grande parte dos estudos sobre a modelação de comportamentos pela mídia é feita em laboratórios de psicologia, pois existe uma grande preocupação de que a apresentação freqüente de violência nos meios de comunicação possa aumentar os níveis de violência na vida diária. Os autores afirmam que o comportamento violento apresentado pela mídia pode aumentar a probabilidade de algumas pessoas a imitarem esses atos. Bandura (1965, citado em Njaine & Minayo, 2004), diz que as pessoas

podem aprender a se comportar agressivamente a partir de um modelo que emite um comportamento agressivo e é reforçado por isso.

Baldwin e Baldwin (1986) afirmam que os efeitos de modelação pela mídia podem ser observados, por exemplo, depois que atos de violência como lutas, execuções, suicídios e assassinatos são amplamente divulgados nos meios de comunicação. De acordo com os autores, quanto maior a divulgação do ato violento, maior o número de pessoas que imitam o comportamento divulgado.

Segundo Gomide (2000), a mídia possui grande influência no comportamento das pessoas, ditando modas e costumes, apresentando modelos de comportamentos às pessoas, que procuram se inspirar no exemplo e estilo de vida de artistas, personagens e apresentadores. A autora afirma que os filmes fazem parte do processo de socialização dos jovens e são modelos de comportamentos desejáveis e indesejáveis para estes. De acordo com a autora, filmes podem auxiliar escolas e famílias na educação dos jovens, mas também podem fornecer modelos inapropriados de comportamentos para uma grande variedade de situações sociais.

Capítulo 2. Comportamento Governado Por Regras

2.1. Definição

O comportamento controlado por antecedentes verbais é conhecido como verbalmente controlado ou governado por regras (Catania, 1999). De acordo com Baum (1994/1999), o comportamento governado por regras é um comportamento que está sob o controle de um estímulo discriminativo verbal (escrito ou falado) que estabelece o comportamento que deve ser emitido, as condições em que deve ser emitido e suas prováveis consequências. Alguns exemplos de regras são: instruções, avisos, conselhos, ordens e leis.

Matos (2001) afirma que as regras são um tipo especial de estímulo discriminativo que envolve o comportamento verbal da pessoa que emite a regra, portanto, para estudar o controle por regras é necessário analisar o contexto social do indivíduo que emite a regra (o falante) e daquele que a seguirá ou não (o ouvinte). De acordo com a autora, o que coloca o estudo das regras no campo do comportamento verbal é a função do ouvinte de reforçar o comportamento do falante.

As regras são formuladas, segundo Skinner (1969), devido ao fato da comunidade verbal onde o indivíduo está inserido induzir seus membros a relatar o que fazem e porque o fazem. Descrevendo seu comportamento passado, presente e prováveis ações futuras, o indivíduo aprende a identificar quais as variáveis que provavelmente controlam seu comportamento, formulando regras a partir disso e podendo reproduzir determinados comportamentos em situações semelhantes (Skinner, 1969). Por exemplo, um indivíduo ao resolver um problema matemático e identificar as variáveis deste que controlam seu comportamento de resolução do problema, tem maior probabilidade de utilizar a mesma regra para solucionar um problema semelhante.

Segundo Baum (1994/1999), para entender o comportamento governado por regras é útil diferenciá-lo do comportamento modelado por contingências. O autor afirma que o comportamento modelado por contingências é aquele modelado e mantido diretamente por conseqüências, que não depende de ler ou ouvir uma regra, portanto surge sem instrução. Para Skinner (1969), regra é um estímulo discriminativo verbal que indica uma contingência; já a contingência é uma relação entre antecedentes, comportamento e conseqüências.

Paracampo e Albuquerque (2005) afirmam que as regras podem exercer múltiplas funções. Segundo os autores, as regras podem restringir a variação comportamental dos indivíduos, estabelecer novos comportamentos e, também, alterar as funções de estímulos. Portanto, para Paracampo e Albuquerque, as regras podem funcionar tanto como estímulos discriminativos quanto como estímulos alteradores de funções de outros estímulos. Desta forma, a regra funciona como um estímulo discriminativo quando o comportamento descrito por ela é emitido imediatamente após a apresentação da mesma, e como estímulo alterador de função de outros estímulos quando o comportamento descrito pela regra é emitido na presença dos estímulos especificados por ela, depois de certo tempo transcorrido após a apresentação desta (Paracampo & Albuquerque, 2005). Por exemplo, a regra “tome este remédio e você irá se sentir melhor” funciona como estímulo discriminativo, pois o comportamento especificado pela regra é evocado por ela. Já na regra “quando sentir dor de cabeça tome este remédio e você irá se sentir melhor”, o comportamento é evocado pelos estímulos descritos pela regra, no caso “quando sentir dor de cabeça”, funcionando como um estímulo alterador de função de outros estímulos.

Enquanto o comportamento governado por regras depende do comportamento verbal de outra pessoa, o modelado por contingências requer somente interação com contingências, não dependendo de um falante (Baum, 1994/1999). Baum afirma que: “É difícil pensar em exemplos puros de comportamento modelado por contingências porque muito de nosso

comportamento começa com instrução e passa a ser modelado pelas contingências quando se aproxima de sua forma final” (p.157). Por exemplo, a aprendizagem do comportamento de dirigir um automóvel inicia-se com as regras básicas dadas pelo instrutor de direção, porém após algum tempo de treino, o indivíduo entra em contato com algumas contingências na relação com o próprio automóvel e seu comportamento passa a ser controlado também por estas contingências.

Skinner (1969) afirma que as regras são úteis por destacarem as conseqüências remotas de determinados comportamentos. O autor afirma que, sem elas, o indivíduo tem maior dificuldade de identificar as conseqüências de longo prazo de seu comportamento, sendo mais provável que apenas as conseqüências imediatas exerçam controle sob este. Segundo Catania (1999), as regras podem modificar o comportamento de um indivíduo em situações em que as conseqüências naturais são ineficientes ou operam somente em longo prazo. O autor afirma ainda que as instruções substituem as contingências naturais por antecedentes verbais. Um exemplo disso é quando uma mãe diz para a criança: “Não mexa na panela, porque você vai se queimar”, antecipando, assim, para o filho, qual comportamento ele não deve emitir e qual conseqüência ele sofrerá caso não siga a regra dita por ela. Nesse exemplo, a baixa probabilidade de emissão do comportamento de mexer na panela não decorre do contato direto com a contingência de punição positiva (se mexer na panela então terá a mão queimada), e sim, decorre do controle discriminativo exercido pela regra.

A aprendizagem por regras, em geral, ocorre mais rapidamente do que na modelagem por contingências, considerando que a maioria das pessoas pode aprender por instrução (Skinner, 1974/2003). Conforme Skinner, as regras adquirem um valor maior quando as contingências são complexas, pouco eficazes ou pouco claras. Ao aprender um novo idioma, por exemplo, uma pessoa terá maior facilidade se utilizar um dicionário e uma gramática com as suas principais regras. Caso contrário, precisaria aprender a nova língua se

expondo à nova comunidade verbal da mesma forma que aprendeu a língua nativa, o que seria muito mais trabalhoso e demorado.

De acordo com Skinner (1969), um modelo a ser imitado pode ser visto como um tipo de regra, na medida em que especifica a topografia da resposta imitativa. Segundo o autor, um modelo é uma regra fragmentária que dirige o comportamento do observador, podendo ser interpretado como topografia especificadora de comportamento. Um exemplo disso ocorre na aprendizagem da escrita, onde o professor dá ao aluno um modelo de letras, sílabas e palavras, e este deve copiá-lo.

Skinner (1974/2003) afirma que o comportamento de um indivíduo que segue regras ou instruções difere de outro que teve o comportamento modelado diretamente pelas contingências, pois a descrição das contingências em uma regra nunca é exata ou completa. Por exemplo, mesmo que o professor apresente a seu aluno, aprendiz da escrita, uma descrição muito precisa de como escrever, não é capaz de instruir com exatidão os movimentos de cada dedo envolvidos no processo, sendo que estes serão modelados apenas no contato direto com o lápis e o papel. Porém, as instruções são necessárias para que o aprendiz emita respostas que se aproximem das requeridas pelas contingências, facilitando o processo de aprendizagem.

2.2. Variáveis que Interferem no Seguimento de Regras

De acordo com Baum (1994/1999), as contingências que envolvem o comportamento governado por regras são duas, sendo uma de curto prazo, chamada de contingência próxima e outra de longo prazo, conhecida como contingência última. Segundo Baum, a regra controla o comportamento do ouvinte devido a sua relação com o reforço imediato, ou seja, com a contingência próxima. Já a contingência última envolve conseqüências que são importantes para o indivíduo, porém, de início, desprezadas ou obscuras. Por exemplo, a regra “fumar é

prejudicial à saúde” envolve conseqüências atrasadas e obscuras para o fumante e, até mesmo, incertas, como o câncer de pulmão, fazendo com que as contingências sejam pouco eficientes no controle do comportamento do indivíduo. Porém, se o falante, além de ditar a regra, criticar o ouvinte caso este acenda um cigarro, sendo esta uma contingência próxima, a probabilidade do indivíduo seguir a regra será maior, diante do fato de que ao fumar será julgado pelo falante.

Segundo Albuquerque (2001), o seguimento de regras ocorre porque o comportamento de seguir regras similares foi reforçado no passado, exercendo controle discriminativo devido a uma história de reforçamento social para o responder de acordo com as regras. Baum (1994/1999) afirma que desde muito novas, as pessoas são expostas a regras que apresentam as mais variadas formas de contingências próximas, e estas controlam e modelam seu comportamento. Um exemplo disso é quando inúmeras vezes as crianças fazem o que os pais lhes mandam fazer e ganham doces, afeto e aprovação. O reforço neste caso advém da contingência próxima que mantém o comportamento das crianças de seguirem as regras ditas pelos pais. Portanto, de acordo com Hayes e cols. (1989, citado em Albuquerque, 2001), a probabilidade presente de um indivíduo seguir uma regra é determinada pela sua história.

Segundo Skinner (1969), quando as contingências estão incompletas ou as conseqüências têm efeito desprezível na modelagem de comportamento, as regras são particularmente úteis. O uso de cinto de segurança, por exemplo, é um comportamento geralmente mantido para evitar as conseqüências legais punitivas do não uso, e não pelo fato do indivíduo realmente ter evitado acidentes sérios ao usá-lo.

Skinner (1969) afirma que, muitas vezes, o que define a extensão na qual um comportamento é governado por regras ou modelado por conseqüências é a conveniência. Por exemplo, ao fazer uma viagem de carro para um lugar desconhecido, o indivíduo terá menor

probabilidade de se perder ao utilizar um mapa, sendo esta uma regra a ser seguida. Por outro lado, ao dirigir em uma cidade conhecida, o controle direto pelas contingências é mais pronunciado, uma vez que consultar um mapa pode ser aversivo, na medida em que pode aumentar o tempo da viagem.

Galizio (1979, citado em Paracampo & Albuquerque, 2005), afirma que o seguimento de regras é determinado por suas conseqüências. Segundo o autor, se houver discrepâncias entre a regra e as contingências, e o ouvinte entrar em contato com as conseqüências que contradizem a própria regra, é provável que seu comportamento mude acompanhando as mudanças nas contingências. Por exemplo, quando uma criança obedece a regra emitida por seus pais de sempre ter que falar a verdade, pode ter seu comportamento punido em outros contextos. Nesse caso, a criança pode passar a desobedecer à regra de que mentir é errado, se adaptando às contingências naturais e passando a emitir o comportamento de mentir.

Barret e cols. (1987, citado em Paracampo & Albuquerque, 2005) sugeriram que a probabilidade de que o seguimento de regras seja mantido é maior na presença do falante que proferiu a regra. Por exemplo, é mais provável que uma criança obedeça a seus pais quando estes estão presentes do que quando não estão. Porém, de acordo com Albuquerque e cols. (2004, citado em Paracampo & Albuquerque, 2005), mesmo quando o comportamento de seguir regras é monitorado, é provável que o seguimento de regras deixe de ocorrer se produzir perdas de reforçadores.

Segundo Skinner (1978), a complexidade da regra é um fator que também influencia no seguimento da mesma. O autor afirma que quanto mais extensa a regra, isto é, quanto maior o número de diferentes respostas descritas nela, menor é a possibilidade dessa regra ser seguida, mesmo que produza conseqüências reforçadoras. A regra “Vire à direita e siga em

frente” tem maior probabilidade de ser seguida do que “Vire à direita, ande três quadras, vire à esquerda, ande mais cinco quadras e vire à esquerda novamente”.

De acordo com Zettle e Hayes (1982, citado em Matos, 2001) a magnitude do reforço e a importância das consequências previstas para o seguimento da regra é um fator que tem grande influência no seguimento da mesma. Para os autores, quanto mais reforçadoras forem as consequências dos comportamentos descritos em uma regra, maior é a probabilidade de o ouvinte segui-la. Por exemplo, um motorista que vê outro tendo o comportamento de dirigir com excesso de velocidade punido com a apreensão do veículo, e mais uma multa de valor alto, tem maior probabilidade de seguir a regra “não ultrapasse os limites de velocidade” do que outro que vê um motorista ter o mesmo comportamento e ser punido apenas com a multa.

O seguimento de regras depende também de quem é o falante (Baum, 1994/1999). De acordo com Baum, do mesmo jeito que pessoas bem-sucedidas são mais imitadas, o seguimento de regras dadas por pessoas bem-sucedidas também é mais provável de ocorrer, pois as pessoas são mais inclinadas a seguir regras que são ditas por outros cujo comportamento é reforçado frequentemente. O autor afirma que a tendência de seguir regras dadas por pessoas manifestadamente bem-sucedidas pode explicar como práticas raras podem se propagar por um grupo cultural rapidamente. Um exemplo disso é o fato de muitas empresas utilizarem atores, apresentadores ou pessoas que representem o sucesso nas propagandas de seus produtos.

Segundo Matos (2001), se um indivíduo, em sua história de vida, receber mais reforçamento por seguir regras e menos ao entrar em contato com as contingências, pode ocorrer a insensibilidade às contingências. Essa insensibilidade se refere a uma demora maior na modificação do comportamento do indivíduo, e até mesmo a possibilidade deste não se alterar diante da incompatibilidade da regra com as contingências descritas por ela, em função

deste comportamento estar sob controle de regra (Matos, 2001). Uma criança, a quem os pais, em casa, ensinaram a regra “devo ser agressiva sempre que me contrariarem”, por exemplo, tem probabilidade de manter seu padrão de comportamento agressivo em qualquer outro ambiente. Porém, estando fora de casa, é provável que seu comportamento seja punido por outras pessoas. Se diante das mudanças nas conseqüências não houver alteração no comportamento da criança, este pode estar sob o controle da regra ensinada por sua família, sendo insensível às mudanças ocorridas nas contingências de reforço.

2.3. Regras e Cultura

Para Skinner (1979/2003), a cultura de um indivíduo é composta por todas as variáveis que o afetam e que são dispostas por outros membros do grupo a que este pertence. O autor diz que o indivíduo adquire do grupo ao qual pertence um extenso repertório de usos e costumes, como por exemplo, o que deve comer e beber, como o faz, como constrói uma casa, os tipos de relações pessoais que tem e os que evita, entre outros.

Baum (1994/1999) afirma que cultura é o comportamento aprendido de um grupo; são práticas, verbais e não-verbais, adquiridas como resultado de pertencer a um grupo. Para o autor, isso implica que o grupo programe conseqüências para o comportamento de seus membros, reforçando os que são socialmente aceitos e punindo os que não são aceitos pelo grupo. Por exemplo, quando um pai elogia o comportamento de seu filho de dizer “Por favor” ao pedir algo a outra pessoa, ele está aumentando a probabilidade de que o filho emita o mesmo comportamento em outras situações.

A aprendizagem de grande parte dos comportamentos socialmente aceitáveis ocorre pelo seguimento de regras (Baum, 1994/1999). Baum afirma que essas regras, denominadas convenções sociais, descrevem comportamentos reforçados ou punidos por membros do grupo onde o ouvinte está inserido. Segundo o autor, as regras são particularmente

importantes para uma cultura, pois incluem normas morais, instruções e informações sobre o ambiente. Por exemplo, quando um pai diz para o filho “Não coloque o dedo no nariz em público”, ele está sinalizando um comportamento que provavelmente seria punido pelo grupo.

Segundo Baum (1994/1999), entre as práticas de uma cultura estão algumas verbalizações tradicionais como histórias, provérbios e mitos. O autor afirma que as histórias e mitos de uma cultura, ao transmitirem lições práticas ou de moral, são como regras, pois normalmente se referem a contingências de reforço e punição. Um exemplo disso é a estória do pastor e o lobo, ensinada a muitas crianças na pré-escola. Nessa estória, um pastor, que levava todos os dias seu rebanho às montanhas, resolveu fazer uma brincadeira com os habitantes de sua aldeia, descendo das montanhas e gritando: “um lobo, um lobo!”. Os habitantes correram para ajudar o pastor, mas ao encontrá-lo, ele estava às gargalhadas. O pastor repetiu a brincadeira várias vezes, até que certo dia, ninguém foi socorrê-lo, por não acreditarem mais nele. Mas, desta vez, existia realmente um lobo, que dizimou seu rebanho. A moral da estória “ninguém acredita em um mentiroso, mesmo quando ele diz a verdade”, pode ser vista como uma regra, onde mentir é um comportamento punido. O comportamento do pastor deixa de ser reforçado quando os aldeões não dão mais atenção aos seus pedidos de socorro e punido quando, em decorrência disso, todo o seu rebanho é dizimado.

Capítulo 3. Relacionamento Amoroso

3.1. Emoções

Segundo Baum (1994/1999), grande parte da estimulação, reforço e punição que um indivíduo recebe, é fornecida por outro indivíduo. Este dar e receber estímulos faz com que os indivíduos estabeleçam relacionamentos uns com os outros, sendo relação, definida por Baum, como interações que se repetem continuamente entre duas ou mais pessoas. Os momentos de interação são conhecidos também como episódios sociais, pois o comportamento de uma pessoa provê o reforço para a outra (Baum, 1994/1999).

Para Skinner (1953/2003), muitos comportamentos reforçados requerem a presença de outro indivíduo, sendo estes caracterizados como comportamentos sociais. Skinner diz que o comportamento social surge por causa da importância que um indivíduo tem para o outro como parte de seu ambiente. O autor afirma ainda que muitas vezes, o outro indivíduo é uma fonte importante de estimulação e reforçamento, como acontece no relacionamento amoroso, onde as ações e os reforçadores envolvidos podem variar enormemente. Marido e mulher, por exemplo, podem cozinhar um para o outro, fazer compras juntos, namorar, fazer carinho um no outro, manter relações sexuais, envolvendo, também, comportamentos emocionais como os relacionados aos termos amor, felicidade, tristeza, ciúme, entre outros. Muitos dos comportamentos envolvidos nas relações amorosas são cotidianamente descritos por termos emocionais, como paixão, amor, ciúmes, desejo sexual entre outros. Portanto, para entender o relacionamento amoroso, é necessário, antes, compreender as variáveis controladoras dos comportamentos resumidos pelos termos emocionais.

Baum (1994/1999) diz que os sentimentos, ou emoções, caracterizam-se por comportamentos atribuídos ao indivíduo e determinados pelo ambiente, sendo que a nomeação destes é um produto de aprendizagem e tem origem social. De acordo com Skinner

(1953/2003), o amor, emoção envolvida no relacionamento amoroso, pode ser analisado como “a tendência mútua de dois indivíduos a se reforçarem um ao outro, em que o reforço pode ser sexual ou não” (p. 339). Existe, para Skinner, um elemento reforçador no amor, onde a expressão “eu te amo” significa, na verdade, “você reforça meu comportamento”.

Segundo Millenson (1967/1975), antes do fim do século XIX, acreditava-se que a emoção era um estado interno do organismo que causava um comportamento apropriado por parte deste, sendo, desta forma, uma causa do comportamento. Por exemplo, de acordo com tal noção, quando um indivíduo é contrariado, ele torna-se zangado e assim fica agressivo, sendo a sua raiva um estado interno que causa o comportamento agressivo.

Skinner (1989/1991) afirma que essa relação causal é um equívoco, resultante do fato de que os sentimentos que são interpretados como comportamentos ocorrem enquanto o indivíduo se comporta publicamente, mas os eventos responsáveis tanto pelos comportamentos de sentir quanto pelos comportamentos públicos, fazem parte do passado do indivíduo e de contingências atuais. Para o autor, sentimentos são sensações corporais resultantes da interação do indivíduo com as contingências, porém sua nomeação é produto de aprendizagem e tem origem social, pois seu relato é organizado pela comunidade onde o indivíduo está inserido.

Millenson (1957/1975) afirma que o relato verbal dos sentimentos como, por exemplo, “estou com medo”, “estou feliz”, entre outros, é adquirido na infância pelo reforço advindo da comunidade verbal, quando a criança vocaliza essas frases em determinadas situações. Um exemplo disso é quando uma criança, ao ter sua chupeta retirada pela mãe, inicia uma resposta de choro, e a mãe diz “você está com raiva”. Deste modo, a criança, diante de situações em que é contrariada, como neste caso, pode adquirir a resposta verbal “estou com raiva”.

Para Skinner (1974/2003), o estado do corpo, aquilo que é sentido, é um resultado de causas ambientais. Kohlenberg e Tsai (1991) afirmam que as respostas emocionais, operantes e respondentes, são evocadas por situações particulares. Por exemplo, uma criança, ao não receber um presente que pediu aos pais, pode apresentar respostas emocionais chamadas de raiva pela cultura. As respostas apresentadas pela criança incluem comportamentos respondentes (a criança fica vermelha, seu rosto assume expressões características de raiva, como testa enrugada, narinas infladas, entre outros) e operantes (gritar com os pais, bater a porta, trancar-se no quarto). Esta não é uma descrição completa da raiva, e sim as respostas desta criança nesta situação particular, sendo que algumas destas respostas podem ser privadas (Kohlenberg & Tsai, 1991).

Skinner (1989/1991) afirma que o que é sentido não é a causa inicial de um comportamento. O autor diz que um indivíduo não chora porque está triste, ou sente tristeza porque chora, mas chora e sente tristeza porque alguma coisa aconteceu, lembrando que chorar e sentir são comportamentos. Por exemplo, uma pessoa que perdeu um ente querido, sente seu corpo triste e chora pelo que aconteceu, sendo este um fato concreto que faz parte de seu passado. De fato, o conceito de tristeza envolve tanto o sentir tristeza como o chorar, ambas alterações comportamentais que ocorrem na presença de um contexto ambiental, chamado por Skinner de operação emocional. Portanto, as causas das emoções do indivíduo devem ser atribuídas a circunstâncias presentes na vida deste ou a eventos ocorridos em sua história (Skinner, 1953/2003).

Segundo Skinner (1989/1991), para obter informações sobre eventos privados, a comunidade verbal questiona seus membros sobre estes eventos, buscando informações sobre um mundo que está além do alcance de outras pessoas. O autor afirma ainda que, ao conseguir discriminar os próprios sentimentos, o indivíduo pode inferir o sentimento de outra pessoa em situações semelhantes vividas.

Gottman e DeClaire (1997, citado em Garcia-Serpa, Meyer & Del Prette, 2003) afirmam que ensinar às crianças a nomear os próprios sentimentos é muito importante, pois essa prática pode ajudá-las a transformar uma sensação nova e incômoda em algo definível, enquadrado e que faz parte da vida. Os autores afirmam ainda que, ao nomear as emoções, o indivíduo torna-se mais capaz de lidar com elas. Segundo Skinner (1953/2003), as emoções, ao serem nomeadas, revelam predisposições do indivíduo para agir de certa maneira. Por exemplo, se é dito que um indivíduo está com raiva, existe uma alta probabilidade de que este se comporte de forma agressiva, lutando, insultando ou de alguma forma, infligindo danos a algo ou alguém.

Conforme Garcia-Serpa e cols. (2003), muitos são os estudos que sugerem que o sexo feminino é mais exposto a contingências de aprendizagem de emoções. De acordo com os autores, isso se deve a práticas culturais que valorizam, para as mulheres, maior sensibilidade às necessidades dos outros. Desta forma, a identificação de sentimentos parece favorecer o sexo feminino (Garcia-Serpa e cols., 2003).

Portanto, para Skinner (1989/1991), ao falar de emoção, fala-se de uma relação entre organismo e ambiente, todas as alterações produzidas neste organismo, e todos os aspectos constituintes desta relação: filogenia (a história da espécie, seleção natural), ontogenia (a história de aprendizagem do indivíduo) e cultura (práticas verbais e não-verbais do grupo ao qual o indivíduo pertence). Segundo Skinner, ao se levar em consideração todos estes pontos, torna-se mais fácil a compreensão de qualquer comportamento, dentre eles, os sentimentos.

3.2. Relacionamento Amoroso e Questões de Gênero: Um fenômeno cultural

Segundo Babo e Jablonski (2002), mudanças significativas ocorreram nas relações familiares e amorosas a partir do início do século XX. Um fator que ajudou a produzir essas mudanças foi a entrada da mulher no mercado de trabalho, fato que redefiniu os papéis de

homem e mulher na família e nas relações de poder entre estes. Outro fator foi a criação de métodos anticoncepcionais mais eficientes, como a pílula, que possibilitaram o controle da concepção pela mulher, tornando mais fácil a inserção da mulher na esfera profissional (Babo & Jablonski, 2002).

Segundo Graciano (1978), papel sexual é definido como “um conjunto de normas referentes a atitudes, valores, reações emocionais e comportamentos que são considerados apropriados a cada sexo em uma cultura e momento histórico determinados” (p. 29), lembrando que, em *Análise do Comportamento*, atitudes, valores e reações emocionais são vistas como categorias descritivas de comportamentos. A autora afirma que se espera da mulher que realize as tarefas domésticas, seja emotiva e insegura, mantenha uma postura social receptiva e submissa diante da agressão e domínio masculinos, e em nível de valores, coloque o lar e os filhos em primeiro lugar. Já do homem espera-se que frequente a bares sozinho, que seja frio e corajoso, e pense na realização através do trabalho fora do lar (Graciano, 1978).

De acordo com Sparti (1995, citado em Martins & Hoffmann, 2007), características como, independência, decisão, segurança, poder e inteligência são atribuídas ao sexo masculino. Já o papel feminino estaria ligado à reprodução biológica e às atividades não remuneradas, realizadas para a manutenção e reprodução das forças de trabalho, como lavar, passar, cozinhar, entre outros. Esse contexto de hierarquia de poder implica que somente ao homem é dada a liberdade e a capacidade de produzir bens (Martins & Hoffmann, 2007).

Graciano (1978) afirma que os papéis sexuais são definidos por padrões éticos vigentes nas diferentes épocas e culturas, sendo, um exemplo disso, a evolução do papel feminino, entrando no mercado de trabalho e lutando por direitos iguais nas últimas décadas. Desta forma, de acordo com Graciano, as características apresentadas por homens e mulheres não são, necessariamente, contingentes aos seus sexos, mas sim aprendidas através do

processo de socialização, onde a cultura, à qual o indivíduo pertence, dita regras sobre como cada gênero deve agir. Além das regras ditadas pela comunidade, o indivíduo pode aprender os comportamentos característicos de cada sexo por observação de modelos (Graciano, 1978). Por exemplo, uma criança que, ao observar seus pais em casa, percebe que, todos os dias, a mãe cuida dos afazeres domésticos e o pai sai de casa para trabalhar, poderá aprender que o papel da mulher é o de cuidar da casa, marido e filhos, enquanto que o do homem é o de prover os recursos do lar. Deste modo, fica claro que, para Graciano, as diferenças de gênero se situam muito mais no terceiro nível de seleção, o cultural, e menos no primeiro nível, filogenético. Ou seja, as diferenças de padrões comportamentais característicos de homens e mulheres são produtos culturais, mais do que determinados por diferenças biológicas.

Papéis sexuais são aprendidos através da influência social exercida sobre o indivíduo desde o momento em que este está na barriga da mãe, quando já existem expectativas sobre o sexo da criança, que determina até mesmo a cor do enxoval, entre outras coisas (Graciano, 1978). Conforme Graciano, a pressão social para que o indivíduo emita comportamentos que a comunidade julga corretos para seu sexo é exercida e mantida por agentes socializadores na forma de modelos reais (família, amigos, professores, entre outros), simbólicos (personagens de livros, propagandas e outros meios de comunicação de massa) e das várias instituições modeladoras de comportamento como, por exemplo, a escola.

Martins e Hoffmann (2007), em um estudo sobre os papéis de gênero nos livros didáticos, perceberam que as atribuições sociais de cada sexo são definidas de forma que a delicadeza feminina é colocada em oposição à dureza masculina, sendo que, se o homem é duro e forte, a mulher é suave, doce e meiga. Os autores afirmam ainda que, ao dar ao homem um caráter ativo, concede-se à mulher, automaticamente, um caráter passivo.

Em confronto com esse modelo de dominação pelo homem, a sociedade de hoje espera que o homem compreenda as demandas emocionais de suas parceiras e de seus filhos,

sendo cúmplice destes e sensível ao mesmo tempo (Martins & Hoffmann, 2007). Segundo os autores, esse confronto entre o papel historicamente construído para o homem, de poder, e este novo papel que a sociedade lhe cobra, como, por exemplo, um relacionamento igualitário com a parceira amorosa, gera tensões nas relações íntimas entre os gêneros.

Willemsen (1998, citado em Babo & Jablonski, 2002) fez um estudo sobre revistas para adolescentes e concluiu que este tipo de publicação tem um conteúdo, geralmente, tradicional e estereotipado. O autor diz que a maior parte das revistas destinadas ao público feminino retratam as mulheres como pessoas dependentes e que se preocupam apenas com a aparência e com conquistas amorosas. Já as destinadas ao público masculino, geralmente, são especializadas em alguns temas, como carros, tecnologia ou esportes.

Babo e Jablonski (2002), em um estudo sobre o amor contemporâneo em revistas masculinas e femininas, concluem que nas revistas femininas o sexo é colocado como algo que assegura um relacionamento e nas masculinas, ele não é associado a uma relação duradoura. Desta forma, segundo os autores, incentiva-se no homem a sedução, sem preocupar-se ou considerar os sentimentos da mulher seduzida.

A pressão social tenta moldar os indivíduos às normas e estereótipos existentes, e aqueles que não se enquadram nessas normas são considerados desviantes (Graciano, 1978). Por exemplo, uma mulher que opta por não ter filhos, muitas vezes é considerada como desajustada, pois foge da regra que diz que “a mulher se realiza, primordialmente, quando se torna mãe”.

Segundo Rocha-Coutinho (1994, citado em Martins & Hoffmann, 2007), a sociedade atribui à mulher todas as atividades que tenham a ver com o cuidar da casa, do marido e dos filhos. Martins e Hoffmann (2007) afirmam que o papel referente à realização de atividades em troca de remuneração é atribuído ao sexo masculino, cabendo-lhes a responsabilidade de prover os recursos do lar. Porém, segundo Martins e Hoffmann, esse modelo de família, no

Brasil, tem se modificado cada vez mais, pois a participação da mulher no mercado de trabalho está aumentando gradativamente.

Capítulo 4. Contos de Fada

4.1. Breve Histórico

Os contos de fada, originalmente concebidos como entretenimento para adultos, eram contados em reuniões sociais e em outros ambientes onde os adultos se reuniam (Cashdam, 2000). Segundo Góes (1991), os contos surgiram primeiramente na linguagem oral, em seguida tornaram-se mitos e, enfim, em contos propriamente ditos.

Os primeiros contos de fada para crianças surgiram na França, no final do século XVII, com Charles Perrault (Simonsen, 1987). A autora afirma que Perrault reformulou os principais contos populares de sua época, modificando profundamente os relatos em que se inspirou. Para adaptá-los ao público a que se destinava, Perrault suprimiu dos contos tudo aquilo que poderia chocar seu público e exaltou o imaginário, a fantasia, o sonho e o inverossímil (Simonsen, 1987).

Segundo Simonsen (1987), os contos de fada, ou contos maravilhosos, são textos de estrutura simples, comportam elementos sobrenaturais e originalmente não-cristãos como encantamentos, metamorfoses, objetos mágicos, entre outros. A presença do fantástico, maravilhoso e sobrenatural, que dá caráter imaginativo aos contos de fada, é a característica fundamental destes (Góes, 1991).

Por volta de 1812, na Alemanha, os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm redescobrem os contos de fada, recolhendo, principalmente de fontes orais, e documentando de forma sistematizada os principais contos de diferentes culturas (Simonsen, 1987). De acordo com a autora, a coletânea dos irmãos Grimm inaugura a coleta e registro dos contos populares, sendo que, a exemplo dos irmãos, os contos passaram a ser coletados, também, por toda a Europa.

Apesar de os irmãos Grimm não terem escrito nenhuma das histórias que publicaram em suas coletâneas, eles as alteraram para torná-las mais adequadas aos seus jovens leitores

(Cashdam, 2000). Segundo Cashdam, muitos dos contos dos Grimm continuaram a ser modificados, à medida que foram sendo traduzidos, chegando às versões que podem ser encontradas atualmente. Entre as principais contribuições destes, as mais conhecidas na cultura brasileira estão: A Bela Adormecida, A Branca de Neve, Rapunzel, A Gata Borralheira ou Cinderela e A Dama e o Leão ou A Bela e a Fera (Góes, 1991).

4.2. Resumo dos Principais Clássicos

4.2.1. A Bela Adormecida (Grimm & Grimm, 2008).

Há muito tempo atrás, viviam um rei e uma rainha cujo maior desejo era terem um filho, até que um dia suas preces foram atendidas. A rainha deu à luz uma menina e o rei fez uma grande festa para comemorar o acontecimento. O rei mandou convidar parentes, amigos, conhecidos e as fadas do reino, sendo que das treze fadas, apenas doze foram convidadas. A fada que não foi convidada apareceu inesperadamente no palácio durante a festa lançando uma maldição na criança: “Quando tiver quinze anos, a princesa espetará a mão em um fuso de fiar e cairá morta” (Grimm & Grimm, 2008). As fadas não podiam desfazer a maldição, então fizeram uma magia que impediria a morte da menina, mas ela dormiria um sono profundo por cem anos.

Certo dia, quando já havia completado quinze anos, a princesa, por curiosidade, foi até o alto da torre do castelo. Chegando lá, encontrou uma senhora com um fuso, fiando linho, e quis aprender a fiar também. Assim que tocou o fuso, feriu-se e caiu em um sono profundo, juntamente com todos no palácio. Em torno do castelo, a uma certa distância começou a crescer uma cerca de espinheiros, que foi tornando-se mais espessa de ano a ano. Aos arredores do reino espalhou-se a história da Bela Adormecida, como a princesa passou a ser chamada. De vez em quando apareciam príncipes que tentavam chegar ao castelo, mas

acabavam desistindo por causa do espinheiro, e os poucos que tentavam ir adiante, morriam. Depois de passados quase cem anos, um corajoso príncipe decidiu que iria ver a princesa. Quando se aproximou do castelo, o príncipe não viu espinhos, e sim milhares de flores que o deixavam passar ileso. Ao entrar no palácio, este viu que todos dormiam, e seguiu sua procura pela princesa, avançando ainda mais, até chegar à torre onde ela estava. Quando a viu, apaixonou-se imediatamente por sua beleza, e curvando-se, beijou-a. No momento em que foi beijada, Bela Adormecida acordou, assim como todos no palácio, e encarou o príncipe com doçura e carinho. Pouco tempo depois, o príncipe e a princesa se casaram, com uma grande festa feita pelo rei, e o casal viveu feliz até o fim de seus dias.

4.2.2. A Bela e a Fera ou A Dama e o Leão (Grimm & Grimm, 2008).

Era uma vez um comerciante que morava com sua única filha, uma moça tão bonita que seu nome era Bela. Ao voltar de uma viagem, o comerciante passou em frente a um castelo e viu um lindo jardim cheio de flores, decidindo levar uma rosa para sua filha. Quando estava colhendo a rosa daquele jardim, apareceu uma Fera e lhe disse que não deveria mexer em seu jardim, e que por isso seria seu prisioneiro. O comerciante tentou defender-se da Fera, pedindo perdão e dizendo que a rosa era um presente para sua filha, mas a Fera estava irredutível. Então o comerciante pediu à Fera que pudesse ir para casa pelo menos para se despedir de sua filha, e isso a Fera aceitou. Ao chegar em casa, ele explicou à Bela o que havia acontecido e esta pediu para ir junto com o pai para conversar com a Fera. Depois de muito insistir, o comerciante aceitou e levou sua filha com ele.

Chegando ao castelo, Bela assustou-se com a forma hostil como a Fera agia, mas pediu a este que a deixasse ficar no lugar de seu pai, que estava velho e doente. A Fera concordou, e o comerciante foi embora muito triste. Os dias se passavam no castelo, e aos poucos a Fera foi se mostrando um ser sensível e amável, fazendo todas as vontades de Bela,

tratando-a como uma princesa. Os dois liam juntos, conversavam e brincavam no jardim e Bela se apegou ao monstro.

Um dia, Bela pediu que a Fera lhe deixasse visitar seu pai, pedido que a Fera, a contragosto, concedeu. Quando Bela voltou, encontrou a Fera muito doente e neste momento compreendeu que o amava. Bela beijou o rosto da Fera, e no mesmo instante, começou neste uma transformação. A Fera desapareceu, e em seu lugar surgiu um lindo príncipe. O príncipe explicou para Bela que uma bruxa havia o enfeitado, e que ele só voltaria a ser príncipe no dia em que recebesse um beijo de verdadeiro amor. Quebrado o encanto, Bela e o príncipe se casaram, e viveram felizes até o fim de seus dias.

4.2.3. A Branca de Neve (Grimm & Grimm, 2008).

Era uma vez uma rainha que queria muito ter uma filha com a pele tão branca como a neve, tão corada como o sangue e com os cabelos tão negros como o ébano. Pouco tempo depois deu à luz a uma linda menina com essas características, sendo chamada de Branca de Neve, e neste momento a rainha morreu. Passado um ano, o rei casou-se de novo. Sua nova mulher era bela, mas altiva e orgulhosa e não aceitava que nenhuma mulher fosse mais bela que ela. Tinha um espelho encantado diante do qual ficava se contemplando e perguntava: “Dize a pura verdade, dize, espelho meu, há no mundo mulher mais bela do que eu?”. O espelho sempre respondia: “Não minha rainha, vós sois a mais bela”, e a rainha ficava satisfeita, pois o espelho só falava a verdade.

Mas Branca de Neve ia crescendo e tornando-se mais bonita, quando em certo dia a rainha repetiu a pergunta ao espelho, e este respondeu: “Senhora rainha, sois muito linda, mas Branca de Neve é mais bela ainda”. Ao ouvir isto, a rainha ficou lívida de raiva e inveja e, desde aquele momento, odiou Branca de Neve. A bela menina foi crescendo e o ódio da rainha aumentando. Um dia a rainha chamou um caçador e ordenou: “Leva a menina para a

floresta, mate-a e, como prova de que cumpriste a minha ordem, traze-me o seu pulmão e seu fígado”. O caçador obedeceu, levando a menina para a floresta, mas ficou com pena e a deixou fugir. Então o caçador matou um filhote de urso que ali passava, retirou o pulmão e o fígado, e levou para a rainha como prova de que a menina estava morta. Branca de Neve perambulou pela floresta, assustada, até que encontrou uma pequena casinha, e foi acolhida por seus donos, sete anões, que a deixaram ficar, fazendo com que nada lhe faltasse. Todos os dias, enquanto os anões iam trabalhar, Branca de Neve cuidava da casa, cozinhava, arrumava as camas, lavava roupas, costurava, tricotava, e mantinha tudo limpo e em ordem na pequena casa.

A rainha acreditou que havia comido o pulmão e o fígado da enteada e pensou que voltara a ser a mulher mais bonita do mundo. Porém, ao perguntar novamente a seu espelho se havia no mundo mulher mais bela que ela, o espelho respondeu: “Senhora rainha, sois muito linda, mas Branca de Neve, lá na casinha dos sete bondosos anõezinhos é muito mais bela ainda”. Percebendo que fora enganada pelo caçador, a rainha teve outra idéia. Pintou seu rosto, vestiu-se como uma velha e foi até a casinha dos anões para entregar uma maçã envenenada à Branca de Neve. A linda jovem, acreditando que aquela era uma bondosa velhinha, aceitou sua maçã, e assim que mordeu um pedaço, caiu morta.

Quando os anões voltaram para casa e encontraram a menina morta, fizeram de tudo para reanimá-la, mas nada adiantou. Depois de três dias chorando, era necessário enterrá-la, mas esta continuava corada, com aparência de uma pessoa viva. Então os anões mandaram fazer um caixão de vidro, onde a colocaram e a levaram para o alto da montanha, ficando sempre um deles ao seu lado, protegendo-a. Depois de muito tempo, um príncipe passou por ali e viu a linda Branca de Neve, apaixonando-se por ela. Pediu aos anões para levá-la com ele, e assim o fez. Porém, seus servos, que carregavam o caixão, tropeçaram, e com a sacudidela, o pedaço da maçã envenenada que Branca de Neve mordera, saltou de sua

garganta. Neste momento a jovem acordou e o príncipe lhe explicou o que estava acontecendo, declarando-se para ela. Os dois foram para o castelo do príncipe, onde se casaram com grande pompa e riqueza. A madrasta, que acreditava ter matado Branca de Neve, também foi convidada para o casamento. Ao chegar lá, reconheceu a enteada e ficou muito assustada com a surpresa. Porém, os serviçais do castelo já haviam preparado para ela sapatos de ferro, recém tirados do fogo, os quais ela teve que calçar e dançar a noite inteira. Exausta e se retorcendo de tanta dor, no fim da noite, a malvada mulher deu seu último suspiro, e junto com este, saiu também sua alma, que foi em direção ao inferno.

- Comentário:

Branca de Neve foi o primeiro longa-metragem de animação da história. Em 1937 a Disney fez uma adaptação do conto para o cinema e intitulou de A Branca de Neve e os Sete Anões, sendo que alguns pontos da história foram alterados. Na versão da Disney, quando os anões descobrem que a rainha envenenou Branca de Neve, estes a perseguem até o topo de uma montanha, debaixo de uma forte tempestade, armados com pedaços de madeira para matá-la. Quando a rainha chega ao topo, um raio destrói um pedaço da montanha onde ela estava, e esta cai em um precipício e morre. Somente após isso o príncipe aparece na história, e acorda Branca de Neve com um leve beijo.

4.2.4. Cinderela (Grimm & Grimm, 2008).

A história de Cinderela inicia-se com a morte de sua mãe. Seu pai, um homem muito rico, pouco tempo depois de ficar viúvo, casou-se outra vez. A mulher com quem se casara levou consigo, para seu novo lar, suas duas filhas, muito bonitas, porém de corações negros. A pobre órfã teve de enfrentar muito sofrimento, pois sua madrasta e as duas filhas a fizeram de criada e viviam humilhando-a. Toda vez que era humilhada, Cinderela ia visitar o túmulo

de sua mãe, e lá muito chorava. Sempre que Cinderela estava lá, um passarinho pousava em um galho de uma árvore próxima e satisfazia todos os desejos que ela manifestasse.

Certo dia o Rei do país mandou que se realizasse uma festa de três dias em que seriam convidadas todas as belas jovens do país, para que seu filho pudesse escolher uma noiva. Cinderela queria muito ir ao baile, mas sempre que pedia à madrasta, esta não deixava, lhe dando uma tarefa para fazer e dizendo que ela não tinha um vestido para ir. Mas Cinderela conseguiu realizar todos os afazeres com a ajuda do passarinho, que também lhe deu um lindo vestido e um belo sapatinho. Cinderela foi para a festa no palácio, e ao chegar lá não foi reconhecida, pois estava tão bonita que todos pensaram que fosse uma princesa estrangeira. O príncipe aproximou-se dela, convidou-a para dançar, e não dançou com mais ninguém o restante da noite, até que esta quis voltar para casa, fugindo dele, para a madrasta não descobrir que ela havia saído. Cinderela fez isso nas três noites de festa, mas na terceira noite, quando fugiu do príncipe, perdeu seu sapato na escadaria do palácio, e o príncipe o guardou.

No outro dia, o príncipe ordenou que todas as moças do reino experimentassem o sapato, pois só se casaria com aquela cujo pé coubesse nele. A madrasta de Cinderela ordenou que suas filhas fossem imediatamente experimentar o sapatinho, mas não serviu em nenhuma das duas. Cinderela também experimentou o sapatinho, e para a surpresa de todos, lhe coube perfeitamente. O príncipe levou Cinderela para o castelo em seu cavalo, onde os dois se casaram e viveram felizes para sempre.

- Comentário:

O conto Cinderela foi adaptado para o cinema, pela Disney, em 1950, e alguns pontos foram alterados. Na versão da Disney, a madrasta de Cinderela finge permitir que ela vá à festa no castelo e quando a jovem está pronta para o baile, ela rasga seu vestido, impedindo que esta saia de casa. Cinderela fica desolada, e corre para o jardim chorando.

Neste momento, no lugar do pássaro mágico do conto dos Grimm, aparece uma fada madrinha para consolá-la. A fada transforma uma abóbora em carruagem, e a roupa rasgada de Cinderela em um belo vestido, lhe dando, também, um lindo sapatinho de cristal. Mas o feitiço da fada só se mantém até meia-noite, quando Cinderela sai correndo da festa e perde seu sapatinho de cristal.

4.2.5. Rapunzel (Grimm & Grimm, 2008).

Era uma vez um casal que queria muito ter um filho, mas os anos iam se passando e o filho não vinha. Na casa onde o casal morava havia uma janelinha que dava para um jardim que pertencia a uma feiticeira que tinha grandes poderes mágicos e era temida por todos. Certo dia, a mulher viu um canteiro de repolhos no jardim e sentiu uma enorme vontade de comê-los. Seu marido, para satisfazer sua vontade, pulou o muro e apanhou alguns. Porém, ao sair do jardim da bruxa, esta o viu e ficou muito enfurecida, apenas deixando-o sair levando os repolhos com uma condição: quando sua esposa desse à luz uma criança, estes deveriam dá-la à bruxa. Assim aconteceu, e a bruxa chamou-a de Rapunzel.

Rapunzel tornou-se uma linda criança, e quando completou doze anos, a bruxa a trancou em uma torre no meio da floresta, que não tinha escada nem porta, apenas uma pequena janela bem no alto. Quando a feiticeira queria subir, pedia que Rapunzel jogasse seu cabelo, e subia se agarrando a ele como se fosse uma corda. Um dia, o filho do rei entrou na floresta e ouviu um canto tão belo que parou para ouvir. Era Rapunzel que cantava em sua solidão. O príncipe quis subir na torre para ver a cantora, mas não sabia como, até que viu a bruxa subindo pelo cabelo de Rapunzel, e fez o mesmo assim que esta foi embora. Rapunzel jogou seu enorme cabelo, brilhante como ouro, e o príncipe subiu. A princípio Rapunzel se assustou, mas este se declarou para ela, fazendo com que ela acreditasse que ele poderia amá-la mais que a velha bruxa. Os dois passaram a encontrar-se todos os dias, até que a bruxa

descobriu. A bruxa cortou o cabelo de Rapunzel e mandou-a para o deserto, deixando seu cabelo amarrado na janela da torre. Quando o príncipe voltou para vê-la, a bruxa derrubou-o da torre. Ele caiu em cima de uma roseira e ficou cego, passando a procurar por Rapunzel noite e dia, gritando seu nome. Quando os dois se reencontraram e Rapunzel descobriu que seu príncipe estava cego, deixou cair algumas lágrimas em seus olhos, e este voltou a enxergar. Livres da maldição da bruxa, os dois voltaram para o reino, casaram-se e viveram felizes por muitos e muitos anos.

4.3. Resumo dos Contos de Fada Atuais

4.3.1. Encantada (Enchanted, 2007)

Gênero: Comédia romântica

Roteiro: Bill Kelly

Direção: Kevin Lima

Produção: Barry Josephson, Barry Sonnenfeld

A história de Encantada começa no reino da fantasia, em Andalasia, onde uma linda camponesa, chamada Giselle é salva do ataque de um ogro pelo corajoso príncipe Edward. Os dois se apaixonam e imediatamente decidem se casar. Porém, o que eles não imaginam é que a mãe do príncipe, a Rainha Narissa, não aceita o casamento de seu filho com uma simples camponesa, e expulsa Giselle do mundo encantado, enviando-a para Manhattan dos dias atuais.

Assustada com este novo mundo, Giselle, interpretada agora por Amy Adams, fica completamente sem direção, pois o mundo caótico em que foi parar é completamente diferente do seu mundo encantado. Assim que chega à cidade, Giselle, que deixa confusão por onde passa, é ajudada por Robert (Patrick Dempsey), um advogado divorciado que vive com

sua pequena filha. Robert a leva para sua casa, onde a jovem fica por vários dias e esta rapidamente se acostuma com a vida na cidade grande, apesar de acreditar que este novo mundo precisa de um pouco de encantamento. Mesmo aprendendo a gostar de Manhattan, Giselle vive a procurar uma forma de voltar para Andalasia, pois precisa casar-se com o príncipe e viver feliz para sempre.

Pouco tempo depois, o príncipe descobre o que aconteceu com sua amada, e vai atrás dela em Manhattan. Ao chegar lá, todo atrapalhado, o príncipe Edward (James Marsden) sai à procura de Giselle por toda cidade, para levá-la de volta. Porém, durante todo esse tempo, a linda jovem vai descobrindo melhor quem é o advogado que a acolheu na cidade grande e, sem perceber, se apaixona por ele. Quando o príncipe a encontra, Giselle, primeiramente, decide voltar com ele para Andalasia, pois acredita amá-lo. Mas assim que fica longe de Robert, vê que está enganada com relação ao príncipe, e que seu verdadeiro amor é o imperfeito advogado. Desta forma, a bela jovem percebe que o “feliz para sempre” não é exatamente aquilo que ela esperava que fosse, e decide ficar no mundo caótico de Manhattan para viver com seu novo príncipe que, apesar de não ter nada de encantado, é quem ela realmente ama.

4.3.2. Para Sempre Cinderela (Ever After, 1998).

Gênero: Romance

Roteiro: Susannah Grant, Andy Tennant e Rick Parks

Direção: Andy Tennant

Produção: Mireille Soria e Tracey Trench

Para Sempre Cinderela conta a história de Danielle De Barbarac (Drew Barrymore), uma jovem que amava muito seu pai. Danielle perdeu a mãe assim que nasceu, e até os oito anos de idade viveu apenas com o pai, Auguste De Barbarac (Jeroen Krabbé). Nessa época a

linda menina viu seu pai casar-se de novo, com a Baronesa Rodmilla De Ghent (Anjelica Huston), ficando muito feliz com isso, pois assim ganharia uma mãe e duas irmãs. Mas sua felicidade não durou muito, pois pouco tempo depois, seu amando pai morreu subitamente, e aquela que Danielle tanto desejava que fosse sua mãe, passou a tratá-la como criada.

Passam-se dez anos até que outro homem, o príncipe Henry (Dougray Scott), entre na vida de Danielle. O príncipe é um homem bondoso e corajoso, mas não quer assumir suas responsabilidades como herdeiro do trono, precisando ainda amadurecer. Danielle tornou-se uma jovem muito corajosa, e continua como criada da madrasta. Uma das filhas da Baronesa, Jacqueline (Melanie Lyndskey), é muito bondosa, mas a outra, Marguerite (Megan Dodds), é extremamente egoísta e só pensa em se casar com o príncipe, tendo total apoio da mãe, que está disposta a conspirar, mentir e fazer o necessário para ver sua filha como futura rainha.

Enquanto isso, o rei decide que está na hora do príncipe se casar, e escolhe como noiva para ele, uma princesa espanhola, mas este não aceita a decisão do pai. Henry foge do castelo e acaba roubando o cavalo do pai de Danielle. A jovem tenta impedir o roubo, derrubando o ladrão do cavalo, mas descobre que é o príncipe. Ela lhe pede desculpas e este levanta-se e vai embora sem ver o rosto da jovem. Ao voltar para o castelo, Henry encontra a comitiva de Leonardo da Vinci, que está com problemas, e o príncipe lhes dá auxílio. Grato pela ajuda do príncipe, da Vinci torna-se amigo dele, e acaba por tornar-se, também, conselheiro do rei, estando sempre a favor da felicidade do príncipe. No mesmo dia, Danielle vai até o castelo para tentar libertar um amigo que foi vendido pela Baronesa, e decide fingir-se de condessa, usando o nome de sua mãe. Lá encontra o príncipe, e ao argumentar com ele, convence-o de que o homem é inocente. Henry quer saber mais sobre a bela e inteligente mulher que teve a ousadia de enfrentá-lo, mas Danielle, com medo de ser descoberta, vai embora correndo, dizendo apenas que é a condessa Nicole. O príncipe encanta-se pela bela moça e esta o acha arrogante.

Quando volta para o castelo, o príncipe descobre que seu pai lhe deu cinco dias para encontrar uma noiva e apresentá-la ao reino no baile que o rei dará. Ele sai para pensar em suas dúvidas sobre o amor e encontra-se mais uma vez com Danielle. Os encontros tornam-se freqüentes, e o príncipe passa a perceber o quanto Danielle é inteligente e corajosa, tão diferente das outras jovens do reino. É tão corajosa que chega a enfrentar um grupo de ciganos para salvá-lo, deixando a todos impressionados com sua coragem. O príncipe encanta-se cada vez mais com Danielle, esta percebe que teve uma impressão errada do príncipe, e em pouco tempo os dois se apaixonam. Quando a Baronesa descobre que Danielle conquistou o príncipe, tranca-a em casa e diz para ele que esta foi embora do reino para casar-se com outro. O príncipe fica desolado e decide casar-se com a noiva que seu pai escolheu, a princesa espanhola.

Os amigos de Danielle, sabendo do amor entre ela e o príncipe, tentam libertá-la, mas não conseguem abrir a porta do local onde ela está presa. Então, pedem ajuda a Leonardo da Vinci que, com muita facilidade, remove a porta e liberta Danielle. Da Vinci a incentiva a ir ao baile em busca de seu verdadeiro amor, e os amigos da jovem a vestem para a festa. A jovem chega ao castelo decidida a contar ao príncipe toda a verdade, mas este, surpreso com sua presença, não permite e imediatamente vai apresentá-la aos pais. Porém a Baronesa, que também está no baile, entra no caminho dos dois e conta ao príncipe que Danielle é apenas sua criada, e este, enraivecido com a mentira da jovem, a humilha diante de toda a corte. Danielle sai correndo, aos prantos, e volta para casa. No outro dia, a madrasta se vinga da jovem, vendendo-a como escrava. Passados alguns dias, Henry percebe que ama Danielle, independente desta ser plebéia, e decide procurá-la, mas descobre que ela foi vendida. Imediatamente ele sai a sua procura, para resgatá-la, mas quando chega ao local, encontra Danielle já livre, depois de ter lutado com o homem que a comprou. O príncipe implora por seu perdão, declarando-se para ela, e pede sua mão em casamento. Danielle, completamente

apaixonada pelo príncipe, aceita, e imediatamente os dois partem para o castelo e se casam, vivendo felizes para sempre.

4.3.3. Shrek (2001)

Gênero: Animação

Roteiro: Ted Elliott, Terry Rossio, Joe Stillman e Roger S.H. Schulman

Direção: Andrew Adamson e Vicky Jenson

Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron Warner e John H. Williams

Shrek é um ogro que vive em um pântano no meio de uma floresta pertencente a uma terra chamada Duloc. É considerado por todos os habitantes das redondezas como o ser mais feio e temido que há, fazendo com que ninguém se atreva a ir até o pântano. Mas Shrek, na verdade, é apenas um ogro solitário que quer paz e sossego em seu lar. A tranquilidade do ogro termina quando o Lorde Farquaad, governante de Duloc, resolve banir todas as criaturas mágicas de seu reino, que vão parar no pântano de Shrek, incluindo um Burro falante que, grato pelo fato de em um momento o ogro ter salvado sua vida, não o abandona mais. O ogro tenta expulsar todas as criaturas de lá, sem sucesso, e então vai tirar satisfações com o Lorde para rever seu pântano intacto.

Lorde Farquaad sonha em tornar-se rei de Duloc, mas para isso precisa casar-se com uma princesa. Sua escolhida é Fiona, uma bela princesa que está em um castelo distante, presa no quarto mais alto da mais alta torre, sendo vigiada por um terrível dragão. Quando Shrek vai à sua procura, o Lorde lhe propõe um acordo: se o ogro resgatar para ele a princesa, terá de volta a paz em seu pântano. E Shrek, juntamente com o Burro, parte para sua missão, resgatando, com sucesso a princesa. A princesa surpreende-se com seu herói, que não parece em nada com o príncipe de contos de fada que tanto esperava. Fiona descobre que este não é seu príncipe, e sim apenas um ogro enviado por ele para salvá-la. Após Shrek explicar à

princesa o que está acontecendo, eles retomam o caminho de volta para Duloc e, em certo momento da viagem, se deparam com o bando de Robin Hood. Este, achando que Fiona está em perigo nas mãos do ogro, diz que apareceu para salvá-la. Mas as atitudes de Robin Hood mostram à Fiona que ele é um homem aproveitador e mulherengo, o que irrita a princesa. Robin Hood ameaça Shrek com uma faca, e para salvá-lo, Fiona luta com o bando, derrubando a todos. Shrek fica surpreso com as habilidades e inteligência de Fiona ao lutar, e a elogia, dizendo que nunca imaginou que uma princesa, tão delicada, pudesse lutar dessa forma.

Fiona e Shrek não se entendem no início, mas durante o caminho, os dois se conhecem melhor e acabam se apaixonando. Porém Fiona tem um grande segredo: foi amaldiçoada por uma bruxa ao nascer, e todos os dias, ao pôr do sol, transforma-se em ogro. A maldição só pode ser quebrada no dia em que receber um beijo de verdadeiro amor, assumindo então sua forma real, e esta acredita que isso acontecerá quando se casar com o Lorde Farquaad.

Shrek acredita que uma princesa como Fiona, bela, esperta e inteligente, jamais poderá amar um horrível ogro, com péssimos modos, como ele, e sem saber do segredo de Fiona, desiste dela. Mas seu fiel amigo, o Burro, sabe do segredo da princesa, e não deixa o ogro desistir de seu amor. Neste momento, Fiona já está se casando com o Lorde Farquaad, e Shrek e o Burro correm para tentar impedir que o casamento aconteça. Quando chegam à cerimônia, Fiona descobre que Shrek a ama e desiste do casamento. A princesa decide contar a Shrek seu segredo, que a aceita da forma que é. Os dois se beijam, sendo este um beijo de verdadeiro amor, e Fiona assume sua verdadeira forma, que para a surpresa de todos, é a de ogro. A princesa não entende o porquê de não voltar a ser uma bela mulher, mas Shrek diz que ela está linda do jeito que é. Os dois se casam com uma grande festa, tendo como convidados todas as criaturas mágicas do reino, e vivem felizes para sempre.

Capítulo 5. A Influência dos Contos de Fada nos Relacionamentos Amorosos

5.1. O Papel da Beleza na Mulher e no Homem

A beleza é um elemento muito presente em todos os contos de fada relacionados no trabalho. Sempre se fala de uma linda princesa, pela qual o príncipe se apaixona. Em contos como A Bela Adormecida e A Bela e a Fera, a referência à beleza feminina já está explícita no nome do conto, pois as duas jovens foram assim nomeadas devido ao fato de serem muito belas. Em A Branca de Neve, a rivalidade entre a jovem e a rainha deve-se ao fato de a rainha invejar a beleza da moça, que de acordo com o espelho mágico, é mais bela que ela. Cinderela, no início, é uma simples jovem maltratada pela madrasta, mas quando se veste para o baile, torna-se tão bela que encanta o príncipe e não é reconhecida pelas outras pessoas do reino. No conto de Rapunzel, apesar do encanto do príncipe se iniciar quando este ouve a voz da moça, tem-se, também, a referência de uma bela jovem que foi trancada no alto de uma torre por uma bruxa.

Os contos fazem parte da infância de grande parte dos indivíduos de todas as culturas, e assim como lendas e mitos, apresentam modelos de comportamentos reforçados e punidos que podem ser imitados pelos indivíduos. De acordo com Baldwin e Baldwin (1986), os indivíduos buscam imitar os comportamentos que são reforçados. A beleza é colocada em todos os contos como uma das principais características e valores das mulheres. É, principalmente, por esse elemento que os príncipes se encantam, como se fosse um pré-requisito para que aconteça um relacionamento amoroso. Portanto, ser bela, para a mulher, significa receber reforços que são liberados pelo outro. Ao ouvir os contos, ou assistir as versões da Disney, as crianças podem aprender que a beleza é altamente reforçadora, sendo um elemento fundamental para uma futura relação amorosa, estando de acordo com Bandura

(1965, citado em Njaine & Minayo, 2004), quando ele afirma que as crianças imitam comportamentos que vêem na mídia e incorporam padrões por ela sugeridos.

De acordo com Baum (1994/1999), os contos fazem parte de verbalizações tradicionais da cultura e se referem a contingências de reforço e punição, sendo como regras para os indivíduos que têm contato com estes. Nos contos, o fato de as jovens serem belas é reforçado quando os príncipes encantam-se por elas à primeira vista. Ao entrar em contato com estes contos, o indivíduo pode chegar à vida adulta com regras formadas, relacionadas à beleza do homem e da mulher. No caso da mulher, esta pode formular regras como “eu tenho que ser bonita para que um homem se encante por mim”, e no caso do homem “uma mulher para ser minha namorada, tem que ser bonita”, por exemplo. Assim, é supervalorizada a beleza na mulher, em detrimento de outras características.

Além disso, os contos passam a idéia de que, para ser feliz, a mulher precisa conquistar um homem, neste caso um príncipe, como se este fosse o reforçador mais importante de sua vida. Desta forma, faz-se acreditar que a mulher não pode ser feliz de outras formas que não se casando. Os dois aspectos juntos, a supervalorização da beleza feminina e a necessidade de conquistar um homem para ser feliz, fazem com que a mulher procure por métodos que a ajudem a obter a beleza que ela julga necessária para se realizar, como dietas que duram a vida toda, cirurgias plásticas, lipoaspiração, técnicas de massagem, cremes de todos os tipos, entre outros, sendo que, alguns destes métodos, podem ser extremamente prejudiciais à saúde da mulher, se não acompanhados por um profissional competente.

Já com relação aos homens dos contos, não se faz menção à beleza, com exceção de A Bela e a Fera. Neste conto a Fera é caracterizada como um ser hostil que assusta a todos que tentam se aproximar de seu castelo. Mesmo assim, Bela se apaixona pela Fera, mas apenas após conhecê-lo melhor, encontrando nele um ser sensível, culto, amável, gentil e

inteligente. Com isso, tem-se a referência de que não é necessário ao homem ser belo para que uma mulher se interesse por ele, mas sim inteligência, sensibilidade, amabilidade, entre outros. Portanto, diferentemente da mulher, os homens têm seu valor reconhecido por outros aspectos além da beleza, o que pode incluir, além das características citadas anteriormente, dinheiro, sucesso e *status*. Esta é outra regra que ambos os sexos podem aprender e levar para a vida adulta.

Como consequência destas regras relacionadas à beleza e que são ensinadas pelos contos de fada, a mulher que não conseguir se enquadrar nos padrões apresentados pelos modelos, pode se sentir inferior às outras, que estariam dentro dos padrões e, prevendo sofrimento e fracasso nas tentativas de relacionar-se com o sexo oposto, pode passar a evitar determinados contextos sociais onde possa existir uma situação de conquista. No relacionamento amoroso, este tipo de regra pode gerar vários conflitos, pois, ao aprender a regra de que para ser amada é necessário ser bonita, uma mulher que não se sente tão bela quanto às jovens dos contos, pode sentir-se desmerecedora do reforço liberado pelo parceiro ou não acreditar no amor deste, gerando comportamentos de ciúmes, desconfiança, cobranças e até acusações. Neste contexto, regras como “não sou bela o suficiente para que alguém se interesse por mim” são muito comuns, e geram vários prejuízos à vida mulher.

Nos contos de fada atuais, esse padrão de beleza ainda é apresentado. Como dito anteriormente, este pode se tornar um modelo e, conseqüentemente, uma regra para o indivíduo, como afirmam Baldwin e Baldwin (1986) e Skinner (1969). Porém, nos contos atuais existe uma tentativa de se valorizar outros atributos da mulher, diminuindo a atenção que antes era direcionada à beleza. Tenta-se mostrar, que a mulher, além de bela, pode ser muito inteligente, esperta, corajosa, independente, entre outros. Por exemplo, no filme *Shrek*, Fiona é uma bela princesa que se transforma em ogro ao anoitecer, mas no fim do filme, esta assume sua forma definitiva de ogro e Shrek a aceita como ela é, afirmando que Fiona está

linda como ogro, mostrando que as outras qualidades dela são mais importantes que a beleza. Com este tipo de modelo, ocorrem mudanças nas regras aprendidas pelo indivíduo e, conseqüentemente, no relacionamento deste com o outro.

5.2. A Mulher Como um Ser Passivo e o Homem Como um Ser Ativo

A mulher, nos contos de fada tradicionais, é representada como um ser frágil, incapaz de defender-se sozinha, que espera que seu grande amor apareça para salvá-la. Em A Bela Adormecida e Branca de Neve, por exemplo, as duas jovens esperam, em sonos profundos, que os príncipes apareçam para salvá-las. Cinderela e Rapunzel são vistas como incapazes de se defenderem da madrasta má e da bruxa sozinhas, portanto, indefesas. Assim, tem-se a imagem de uma mulher passiva, que vive a esperar pelo homem que poderá salvá-la.

Desta forma, pode-se perceber que nos contos de fada tradicionais, existem estereótipos formados de homem e mulher. Enquanto a mulher é representada como um ser passivo, o homem é visto como corajoso, independente, impulsivo, decidido, ou seja, um ser ativo. Com estas características, os homens dos contos têm o destino das jovens em suas mãos, sendo os únicos que podem salvá-las das inúmeras maldades que elas sofrem.

Outra característica que pode ser percebida em todos os contos é o fato de que é sempre o príncipe que se encanta e declara seu amor para a jovem, mostrando iniciativa. Por exemplo, em Cinderela, o príncipe encanta-se com a jovem desconhecida, enquanto que ela apenas espera que ele a encontre. Em A Branca de Neve e Rapunzel, os príncipes se declaram na primeira oportunidade que tem de falar com as jovens. Este ponto demonstra, mais uma vez, a passividade da mulher nas estórias.

Quando esses contos são expostos às crianças, essas características, que são tão marcadas e limitadas nas estórias, podem ser vistas como regras. O indivíduo pode chegar à vida adulta se comportando sob o controle desses reforçadores, onde o homem teria seu

comportamento reforçado ao agir e a mulher ao esperar. Na sociedade atual, isso pode causar crises nos relacionamentos amorosos, pois com as mudanças no papel da mulher, discutidas anteriormente de acordo com Babo e Jablonski (2002), a comunidade espera que o sexo feminino seja mais ativo e independente.

Porém, quando, por exemplo, um homem que desde a infância foi exposto a modelos que a sociedade disponibiliza e as regras emitidas por esta (Baum, 1994/1999), como os contos, em que o homem deve ser o provedor do lar, tomar as decisões e iniciativas, sendo o ser ativo da relação, pode encontrar dificuldades ao procurar um relacionamento amoroso. Se a mulher que ele escolher não se espelhar nestas regras machistas, buscando seu espaço, independência e igualdade de papéis dentro de uma relação, pode haver uma crise com disputa de poder no relacionamento. O mesmo pode ocorrer quando os papéis forem contrários, onde a mulher reproduz o modelo de donzela indefesa e o homem busca igualdade de papéis dentro da relação. Desta forma, os dois acabam por frustrar-se em seus relacionamentos, gerando sofrimento e a necessidade de auxílio psicoterapêutico.

Apesar das mudanças no papel da mulher atualmente, os homens continuam a ter seus comportamentos reforçados positivamente quando tomam a iniciativa e punidos quando assumem uma postura mais passiva. Ao mesmo tempo, as mulheres que assumem uma postura mais ativa nos relacionamentos amorosos, como na paquera, por exemplo, podem ter seus comportamentos punidos socialmente, com rótulos pejorativos de “galinha”, “vadia”, “fácil”, “oferecida”, entre outros.

Já nos contos atuais, há mudanças na representação das atitudes de mulheres e homens. As mulheres são mais participativas, independentes dos homens, e estes, menos corajosos e seguros. Em Para Sempre Cinderela, na cena onde Danielle salva o príncipe Henry de um grupo de ciganos, isso pode ser observado. O príncipe até tenta lutar com os ciganos, mas quem realmente consegue negociar a liberdade dos dois é Danielle, com sua

inteligência e força. Outra cena que ilustra as mudanças na representação da mulher acontece no final do filme. Depois de ser vendida como escrava, Danielle não fica à espera de alguém para salvá-la, como acontece nos contos de fadas tradicionais. Ao contrário disso, ela luta com seu comprador, demonstrando muita coragem e grande experiência com espadas, conseguindo, desta forma, sua liberdade. A mulher já é percebida como independente do homem, defendendo-se sozinha, não sendo mais uma mocinha indefesa que precisa do homem para tudo. Em Shrek, Fiona também demonstra essa independência ao lutar com o bando de Robin Hood, salvando a si, a Shrek e ao Burro.

Nos contos atuais a mulher é mais valorizada por sua inteligência, capacidade e destreza em situações que antes seriam dominadas pelos homens. Essa mudança deve-se ao fato da mudança da mulher na sociedade atual, como dito anteriormente. Desta forma, o indivíduo, ao assistir a estes contos, e neles espelhar-se, terá um comportamento mais condizente, na idade adulta, com as contingências em vigor. Modelos e regras gerados pelos contos atuais, se reproduzidos e seguidos, podem resultar em um relacionamento amoroso com maior igualdade de papéis, permitindo ao homem um pouco de fragilidade e passividade e, à mulher, um pouco de força e atividade.

5.3. Tarefas Atribuídas às Mulheres e aos Homens

Nos contos de fada tradicionais pode-se perceber uma demarcação das tarefas que devem ser realizadas por homens e por mulheres. Em A Branca de Neve, enquanto os anões saem de casa pela manhã para trabalhar nas minas, Branca de Neve cuida do lar, realizando todos os afazeres de casa, como lavar, passar, cozinhar, entre outros. Cinderela é uma criada que também cuida dos afazeres de casa, assim como as outras criadas da casa de sua madrasta, sendo que todas são mulheres. Desta forma, tem-se a idéia de que a mulher deve cuidar da casa e dos filhos, enquanto seu companheiro deve sair para trabalhar, sendo o

provedor do lar. Essa atribuição de papéis, de acordo com Martins e Hoffmann (2007), ainda é feita pela sociedade atual, mas vem se modificando juntamente com as transformações ocorridas no papel da mulher.

Outra idéia passada pelos contos pode ser observada nos papéis da madrasta e da princesa das estórias. Essas mulheres não cuidam dos afazeres de casa e, muitas vezes, nem dos filhos, tendo várias criadas para fazerem tudo para elas. Não trabalham fora de casa e passam o dia se dedicando a cuidar de si, como, por exemplo, cuidando de sua beleza. O marido que, geralmente, é o rei ou o príncipe, sustenta o lar e faz todas as suas vontades. Na sociedade atual essa mulher é mais conhecida como “dondoca”, e representa, mais uma vez, a mulher como passiva, que espera que todos façam as suas vontades, e o homem como ativo, que prove o lar e se dedica a realizar os desejos da parceira.

Porém, com as mudanças ocorridas na sociedade atual, discutidas por Babo e Jablonski (2002), esse é um dos aspectos da vida da mulher que mais se modificou. A mulher, nos dias de hoje, também sai de casa para trabalhar, disputando um espaço no mercado de trabalho que, antes, era apenas do homem. Assim, passa a ser também provedora do lar, dividindo este papel com o seu companheiro.

A criança, ao entrar em contato com os contos, pode ver os papéis de homem e mulher neles representados, como modelos que, de acordo com Skinner (1969), podem ser considerados um tipo de regra. Assim, pode crescer sob o controle dessas regras, esperando que, em um relacionamento amoroso, os papéis entre os sexos sejam divididos da mesma forma que nos contos. Mas, ao chegar à idade adulta, a sociedade cobrará destes indivíduos uma maior igualdade de papéis entre homens e mulheres, o que pode produzir estímulos aversivos para aqueles que foram expostos às regras ensinadas pelos contos. Portanto, é de grande importância que os pais discutam com seus filhos aspectos como este, explicando que

aquilo que é ensinado pelos contos não condiz necessariamente com as contingências em vigor.

Nos contos atuais, como consequência das alterações no papel da mulher na sociedade, podem-se observar mudanças na sua representação. A mulher, ao tornar-se mais ativa, passa a auxiliar o homem a prover o lar, e este, por sua vez, passa a ajudar a mulher na criação dos filhos e nos afazeres domésticos. Um exemplo disso pode ser encontrado no filme *Para Sempre Cinderela*, onde Danielle demonstra ao príncipe que também sabe como administrar um reino, com medidas mais eficazes do que as do próprio rei. É neste ponto que o príncipe surpreende-se com a jovem, que demonstra ser muito inteligente e preocupada com assuntos que, até então, faziam parte apenas das discussões do rei com seus conselheiros como, por exemplo, medidas sociais que poderiam beneficiar tanto a população quanto à família real. Em *Shrek*, Fiona também evidencia que pode realizar as mesmas tarefas que um homem, ao demonstrar sua força, coragem e inteligência. Porém, mantém-se mais refreada que Danielle, por ainda acreditar que uma princesa deve ser doce, meiga, frágil e indefesa.

5.4. O Casamento Como um Fim

“E viveram felizes para sempre” é a frase predileta de vários autores para finalizar os seus contos. Variações desta frase também são muito comuns, como “e viveram felizes até o fim de seus dias”, no caso dos irmãos Grimm. Esta frase é apresentada em todos os contos tradicionais logo após ser realizado o casamento entre a bela jovem e seu príncipe encantado. Porém, antes do final feliz, a mocinha enfrenta diversos obstáculos, como as madrastas de *Cinderela* e *A Branca de Neve*, as bruxas de *Rapunzel* e *A Bela Adormecida*, e a hostilidade da Fera em *A Bela e a Fera*. Somente depois de passar por muito sofrimento, a mocinha recebe a maior recompensa de todas, se casar com o príncipe e ser feliz para sempre. Desta

forma, se tem a impressão de que o casal passa a viver uma felicidade plena, e não encontra mais obstáculos em sua vida.

Mais uma vez o casamento é colocado como o reforçador mais importante da vida de uma mulher, sendo esta uma regra que ainda possui bastante força na sociedade atual. Quando a mulher é vista como um ser doce, frágil, indefeso e passivo, infere-se que ela precisa de outro ser para protegê-la, neste caso o homem. Desta forma, é fortalecida a regra de que a mulher precisa se casar para ser feliz. Apesar das mudanças no papel da mulher, Martins e Hoffmann (2007) afirmam que ainda são ensinadas às crianças, nos livros didáticos, que o sexo feminino possui características de um ser passivo e o masculino de um ser ativo.

Segundo Carvalho e Medeiros (2005), a sociedade costuma ser mais punitiva com pessoas que não estão em um relacionamento amoroso, atribuindo a estes adjetivos pejorativos como “encalhado” e “vai ficar para a titia”. Isso faz com que regras relacionadas ao casamento, que é considerado um reforçador extremamente importante, tenham um poder de controle ainda maior sob os indivíduos, pois se casando, este passa a evitar punições advindas da sociedade, tendo seu comportamento reforçado negativamente.

Ao apresentar os contos de fada às crianças, estas podem ficar sob o controle da regra “para ser feliz, a mulher tem que se casar”, e crescer sonhando com o casamento, como se este fosse o final feliz de uma longa jornada de sofrimentos. Além disso, com a regra “e viveram felizes para sempre”, o indivíduo chega à idade adulta esperando que, ao encontrar o amor de sua vida, e se casar com ele, o relacionamento amoroso será perfeito, sem desentendimentos, sem obstáculos, sendo uma visão idealizada do casamento. Porém, quando este se depara com a realidade, acaba por se frustrar. Além da frustração, se o comportamento do indivíduo estiver insensível às contingências com as quais entra em contato, conceito discutido anteriormente com base em Matos (2001), continuará a procurar por um relacionamento perfeito, casando-se cada vez que encontrar alguém que, a priori, lhe pareça

reforçador por emitir comportamentos que se pareçam com os modelos representados nos contos, vendo nesta pessoa o grande amor de sua vida. Porém, ao entrar em um novo relacionamento sob o controle dessas regras, pode frustrar-se novamente, por ter seus comportamentos pouco reforçados e punidos na relação. Enquanto este não discriminar as mudanças ocorridas nas contingências, estará em um círculo vicioso que pode lhe proporcionar a exposição a estímulos aversivos. Portanto, mais uma vez, observa-se a importância do diálogo entre pais e filhos sobre aspectos dos contos que não condizem com as contingências em vigor. Além disso, os pais devem reforçar padrões comportamentais que contrariam as regras e os modelos advindos dos contos de fada, diminuindo o controle destes sob as crianças.

Além do fato de casar não ser o suficiente para garantir felicidade, dentro do casamento muitos comportamentos devem ser emitidos para que este continue a produzir reforçadores. Por exemplo, se após o casamento um dos parceiros deixar de emitir comportamentos como acariciar, beijar, abraçar, que antes eram emitidos, o casamento pode deixar de ser reforçador para o outro.

Nos contos atuais não houve grandes mudanças relativas à questão da importância do casamento na vida da mulher. Pelo contrário, os finais felizes continuam sendo, em grande parte dos contos, o casamento da bela jovem com seu príncipe. Porém, pode-se perceber em Encantada que, apesar de a mocinha estar sob o controle da regra que diz que ela precisa se casar e viver feliz para sempre com seu príncipe, ao conhecer um novo homem, de bom coração, mas com muitos problemas e tão diferente do príncipe encantado, consegue discriminar as mudanças ocorridas nas contingências e encontra um final feliz que não era aquele que ela esperava. Já não se faz menção ao casamento, mas somente a um final feliz. É uma pequena mudança nas regras que eram ensinadas anteriormente, mas pode fazer alguma diferença na vida de quem segue os modelos ditados por este conto. O indivíduo que seguir

esta nova regra poderá passar a procurar por outras formas de levar uma vida reforçadora, que não se casando, e evitar a perda de reforçadores e a exposição aos estímulos aversivos cujo seguimento dos modelos e das regras oriundos dos contos pode gerar.

Conclusão

O presente estudo buscou discorrer sobre a influência dos contos de fada nos comportamentos associados aos relacionamentos amorosos. Partindo deste objetivo, utilizou-se dos conceitos de modelação e comportamento governado por regras para uma melhor compreensão de como ocorre a aprendizagem de comportamentos apresentados pela mídia. Em seguida, falou-se sobre o relacionamento amoroso, sendo enfatizando o conceito de emoções e as questões de gênero.

Pode-se concluir que, alguns dos padrões de comportamento ensinados pelos contos de fada podem estabelecer que tipos de parceiro ou relação serão reforçadoras para o indivíduo a priori. A idealização do parceiro amoroso é resultado de, entre outros fatores, modelos e regras ditadas por contos de fada, principalmente, os tradicionais. Ensina-se a buscar um príncipe encantado, ou uma bela princesa, ou seja, um parceiro que seja perfeito, o que, de acordo com os contos, seria muito reforçador para o indivíduo. Além disso, ensina-se um ideal de beleza feminino, que faz com que muitas mulheres se submetam a procedimentos, como diversas dietas e até cirurgias, para alcançá-lo. Porém, quando o indivíduo se comporta sob controle desses reforçadores, e se depara com eles, pode verificar que não são tão reforçadores quanto esperava que fossem, ou mesmo, difíceis de alcançar, o que pode gerar sofrimento.

Outro padrão encontrado nos contos tradicionais refere-se aos papéis de homem e mulher, como o homem ativo e a mulher passiva, características estas que, conseqüentemente, atribuem tarefas específicas a cada sexo. Essa divisão de papéis não condiz com as contingências em vigor, como afirmam Martins e Hoffman (2007). Portanto, comportamentos gerados por padrões como esse, têm uma menor probabilidade de serem reforçados. A busca pelo casamento e por um final feliz também é extremamente reforçada pelos contos, o que

pode fazer com que muitos indivíduos passem a vida toda à procura destes, sem perceber que também podem ser reforçados de outras formas, que não se casando.

Apesar dos padrões ensinados pelos contos de fada tradicionais, observa-se uma tentativa de oferecer novos modelos de comportamento com os contos atuais, estimulando uma busca pelo parceiro amoroso que esteja mais de acordo com as contingências atuais da sociedade. As mudanças são pequenas, até o momento, mas podem significar uma melhora no relacionamento do indivíduo consigo e com o outro, como, por exemplo, aceitar-se do jeito que é, sem buscar pelo ideal de beleza e, também, buscar no outro um ser mais real, menos idealizado.

Com todos estes aspectos, pode-se perceber o quão importante é que o psicoterapeuta compreenda a influência que os contos de fada podem exercer na vida afetiva de um indivíduo para, assim, poder auxiliá-lo. Confirma-se, também, a necessidade do diálogo entre pais e filhos sobre certos aspectos dos contos que não condizem com as contingências em vigor, e que podem prejudicar seus relacionamentos na idade adulta. Para diminuir o controle que as regras e modelos ditados pelos contos exercem sob os indivíduos, os pais podem manipular contingências que estabeleçam e mantenha comportamentos que contradizem esses modelos. Além disso, podem exhibir aos filhos outros tipos de mídia que questionem os modelos dos contos.

Além dos contos, outros tipos de mídia, como novelas, programas de auditório, revistas, entre outros, também ditam regras sobre comportamentos associados ao relacionamento amoroso, e acabam colaborando para fortalecer as idéias que estão por de trás dos contos. Um exemplo disso são as revistas femininas que publicam matérias sobre “como conseguir um príncipe encantado”. Em outras palavras, os contos fazem parte de toda uma cultura que, para obter lucro, acaba por transmitir tais valores.

Não se teve a pretensão de esgotar o tema, mas apenas levantar algumas, das inúmeras questões, que podem ser de extrema importância para que um indivíduo consiga desenvolver relacionamentos amorosos que lhe sejam reforçadores. Constituiu-se em uma contribuição para a Análise do Comportamento, já que grande parte dos estudos sobre contos de fada advém de outras áreas da psicologia.

Sugere-se que sejam feitas pesquisas empíricas relacionadas ao tema, na clínica, por exemplo, para legitimar os dados encontrados neste trabalho. Pode-se, também, realizar um estudo mais abrangente dos contos de fada, analisando até que ponto estes podem influenciar a vida de um indivíduo, explorando outros aspectos além do relacionamento amoroso. Outra sugestão é a de analisar a influência de outros tipos de mídia nas relações amorosas.

Em uma sociedade que passou a cobrar da mulher mais ação e participação, e do homem um pouco de passividade, seguir o modelo da frágil e desprotegida donzela e do forte e corajoso príncipe de conto de fada, pode não mais produzir reforçadores. Portanto, se faz necessária a discussão sobre o assunto, sobretudo dentro da Psicologia, para poder auxiliar os indivíduos em seus conflitos.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, L. C. (2001). Definições de regras. In: Guilhardi, H. J., Madi, M. B. B. P. & Queiroz, P. P. *Sobre comportamento e cognição: expondo a variabilidade*. São Paulo: ESETec.
- Babo, T. & Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *Alceu*. 2, 4, jan./jun., 36-53.
- Baldwin, J. D. & Baldwin, J. I. (1986). *Behavior principles in everyday life*. New York: Prentice-Hall.
- Baum, W. (1999). *Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura*. Traduzido por M. T. A. Silva, M. A. Matos, G. Y. Tomanari e E. Z. Tourinho. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1994).
- Carvalho, M. C. G. B. & Medeiros, C. A. (2005). Determinantes do seguimento da regra: “antes mal acompanhado do que só”. *Universitas: Ciências da Saúde*. 3, 1, 47-64.
- Cashdam, S. (2000). *Os sete pecados capitais nos contos de fadas: como os contos influenciam nossas vidas*. Rio de Janeiro: Campus.
- Catania, C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Derdyk, P. R. & Groberman, S. S. (2004). Imitação. In: Abreu, C. N. & Guilhardi, H. J. *Terapia comportamental e cognitivo-comportamental: práticas clínicas*. São Paulo: Ed. Roca.
- Garcia-Serpa, F. A., Meyer, S. B. & Del Prette, Z. A. P. (2003). Origem social do relato de sentimentos: evidência empírica indireta. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. I, 1, 21-29.

- Graciano, M. (1978). Aquisição de papéis sexuais na infância. *Cadernos de Pesquisa*. 25, jun., 29-44.
- Góes, L. P. (1991). *Introdução à literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Pioneira.
- Gomide, P. I. C. (2000). *A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes*. Disponível em: <http://www.scielo.br/>. Acesso em: 28 mar. 2009.
- Grimm, J. & Grimm, W. (2008). *Contos de Grimm*. v. 16. Traduzido por David Jardim Jr. Belo Horizonte: Vila Rica.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991). *Psicoterapia analítica funcional: criando relações terapêuticas intensas e curativas*. (R.R. Kerbauy, trad.). São Paulo: ESETEC.
- Martins, E. F. & Hoffmann, Z. (2007). *Os papéis de gênero nos livros didáticos de ciências*. Disponível em: http://www.fae.ufmg.br/ensaio/v9_n1/. Acesso em: 26 mai. 2009.
- Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. 3, 2, 51-66.
- Millenson, J. R. (1975). *Princípios de Análise do Comportamento*. Brasília: Thesaurus. (Trabalho original publicado em 1967).
- Njaine, K. & Minayo, M. C. S. (2004). A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. *Ciência & Saúde Coletiva*. 9, 1, 201-211.
- Paracampo, C. C. P. & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*. 9, 2, jul./dez., 227-237.
- Simonsen, M. (1987). *O conto popular*. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1969). *Contingências de reforço*. Traduzido por R. Moreno. São Paulo: Abril Cultural.
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal*. Traduzido por M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix.

- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental*. Traduzido por A. L. Neri. Campinas: Papirus. (Trabalho original publicado em 1989).
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. Traduzido por J. C. Todorov e R. Azzi. São Paulo: Ed. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2003). *Sobre o behaviorismo*. Traduzido por M. P. Villalobos. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1974).